



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

ADOLFO BRÁS SUNDERHUS FILHO

**UM INVENTÁRIO INDICIÁRIO SOBRE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA E AS
“SEMENTES” DE RAÍZES DO BRASIL**

VITÓRIA

2023

ADOLFO BRÁS SUNDERHUS FILHO

**UM INVENTÁRIO INDICIÁRIO SOBRE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA E AS
“SEMENTES” DE RAÍZES DO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof. Dr^a. Márcia Barros Ferreira Rodrigues

VITÓRIA

2023

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

S957i Sunderhus Filho, Adolfo Brás, 1981-
Um inventário indiciário sobre Sérgio Buarque de Holanda e as sementes de Raízes do Brasil / Adolfo Brás Sunderhus Filho. - 2023. 81 f.

Orientadora: Márcia Barros Ferreira Rodrigues.
Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Sociólogos. 2. Intelectuais. I. Rodrigues, Márcia Barros Ferreira. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 316

Adolfo Brás Sunderhus Filho

**“SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA E AS "SEMENTES" DE RAÍZES DO BRASIL:
UM ESTUDO INDICIÁRIO DOS SEUS TEXTOS ANTERIORES”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Ciências Sociais.

Aprovado em 12 de dezembro de 2023.

Comissão Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Márcia Barros Ferreira Rodrigues (UFES)
Orientadora e Presidente da Sessão

Prof. Dr. Dalton Sanches (UFOP)
Examinador Externo

Prof. Dr. Maro Lara Martins (UFES)
Examinador Interno





Ficha de Aprovação - Adolfo Brás Sunderhus Filho

Data e Hora de Criação: 11/12/2023 às 09:45:58

Documentos que originaram esse envelope:

- Ficha de Aprovação - Adolfo Brás.pdf (Arquivo PDF) - 1 página(s)



Hashs únicas referente à esse envelope de documentos

[SHA256]: 7d55e028e1a4760a7a930ad11ae4d0410614ec96246b99e0ea2aaf80d1f1b99b

[SHA512]: 7cb97cdfc8b301c05fa33d57506d651b612fe4059e1fa78421c9811fe65c9562f991e06c2271c83a32a984949155b9e1e114d2243686d988436cbef 85a0859

Lista de assinaturas solicitadas e associadas à esse envelope



ASSINADO - Dalton Sanches (daltonsanches@gmail.com)

Data/Hora: 13/12/2023 - 00:34:51, IP: 143.0.155.22, Geolocalização: [-20.407614, -42.891677]

[SHA256]: a995e19d4e3d7bb62e54e2d49d948e8ef41dabc1a4fe2ba01a7d80fd 323e9692



ASSINADO - Maro Lara Martins (marolara@gmail.com)

Data/Hora: 12/12/2023 - 12:23:17, IP: 179.102.136.117, Geolocalização: [-20.268624, -40.299802]

[SHA256]: 30a6a10efefaed2965a9bfebec948a8ccea987b818ce5b7aa370995064db4b 3



ASSINADO - Márcia Barros Ferreira Rodrigues (mbfrodrigues@gmail.com)

Data/Hora: 18/12/2023 - 07:55:13, IP: 177.97.122.27, Geolocalização: [-20.273561, -40.298086]

[SHA256]: 803595b657d512acd74e69c07f7c123236a28bfc3dda0b88f2a211c3984b7a 59

Histórico de eventos registrados neste envelope

18/12/2023 07:55:13 - Envelope finalizado por mbfrodrigues@gmail.com, IP 177.97.122.27

18/12/2023 07:55:13 - Assinatura realizada por mbfrodrigues@gmail.com, IP 177.97.122.27

18/12/2023 07:55:10 - Envelope visualizado por mbfrodrigues@gmail.com, IP 177.97.122.27

13/12/2023 00:34:51 - Assinatura realizada por daltonsanches@gmail.com, IP 143.0.155.22

13/12/2023 00:34:34 - Envelope visualizado por daltonsanches@gmail.com, IP 143.0.155.22

12/12/2023 12:23:17 - Assinatura realizada por marolara@gmail.com, IP 179.102.136.117

12/12/2023 12:23:10 - Envelope visualizado por marolara@gmail.com, IP 179.102.136.117

12/12/2023 12:19:15 - Envelope registrado na Blockchain por penha.goggi@ufes.br, IP 200.137.65.103

12/12/2023 12:19:14 - Envelope encaminhado para assinaturas por penha.goggi@ufes.br, IP 200.137.65.103

11/12/2023 09:45:58 - Envelope criado por penha.goggi@ufes.br, IP 200.137.65.108

AGRADECIMENTOS

Não tenho dúvidas de que os últimos anos foram desafiadores para todos nós, não apenas para mim. Soaria injusto e desrespeitoso parecer que as dificuldades que enfrentei durante esse período pandêmico, enquanto docente e pós-graduando, foram maiores do que a de outras pessoas. Não há como mensurar isso. Mas, sem o apoio de outras pessoas, não seria possível chegar aonde cheguei, e por isso, gostaria de agradecer.

Agradeço a minha esposa Carla e minha enteada Ana Carolina, por todo apoio, suporte, conversas, dedicação, entendimento, brincadeiras, desenhos, bilhetinhos e, principalmente, paciência e carinho. Sem vocês nada disso seria possível. Vocês são a minha vida!

Agradeço aos meus pais, Adolfo e Penha e aos meus irmãos, Guilherme e André, por todo o apoio e entendimento ao longo de minha caminhada.

Agradeço, *in memoriam*, aos saudosos professores Dr. Tiago de Melo Gomes e José Arnaldo Coêlho de Aguiar Lima. Graças ao apoio de vocês, as conversas inúmeras que tivemos quando eu ainda estava em minha graduação, segui minha caminhada e pude chegar até aqui.

Agradeço a familiares e amigos que torceram para meu sucesso nessa caminhada tão desafiadora.

Agradeço aos servidores do Siarq-Unicamp pelo compartilhamento rápido de importantes documentos que nos foram, e ainda serão, úteis.

Agradeço a Prof. Dr^a. Márcia Barros Ferreira Rodrigues, por aceitar meu pedido para ser seu orientando, um total desconhecido lá em 2017, e continuar acreditando no meu potencial até a minha efetiva entrada no mestrado. Sua orientação e confiança foi fundamental para que esse trabalho ganhasse luz.

Agradeço ao programa de pós-graduação em Ciências Sociais da UFES pelo suporte e entendimento que tiveram a todos nós discentes em tempos de pandemia. A condução cuidadosa ao longo desse período foi fundamental.

RESUMO

A presente dissertação analisa a primeira edição de *Raízes do Brasil*, publicada em 1936 por Sérgio Buarque de Holanda, como obra inaugural da Coleção Documentos Brasileiros, tendo em vista as influências do contexto histórico-social vivenciado por Sérgio Buarque e a produção de artigos antes da publicação de sua obra *princeps*. Foi desenvolvido com o objetivo de fazer um inventário indiciário e verificar a presença de ideias de trechos da obra em textos prévios do autor, em específico os textos “Originalidade Literária” (1920), “Lado oposto e outros lados” (1926) e “Corpo e Alma do Brasil” (1935). Para isso, realizou-se uma pesquisa tendo como base o paradigma indiciário desenvolvido por Carlo Ginzburg, cujos textos foram lidos e interpretados por meio de uma abordagem qualitativa. Foi feita uma breve biografia sobre Sérgio Buarque de Holanda, como forma de observar as influências do contexto histórico-social por ele vivenciado. Depois, foi abordada a presença do Modernismo em *Raízes do Brasil*, os possíveis fatores que levaram a escolha do ensaio por Sérgio Buarque de Holanda e um breve histórico sobre a fundação da Livraria José Olympio. Por último, discutimos a respeito da escolha da primeira edição, publicada em 1936, como nossa fonte documental, uma breve análise da estrutura da obra de 1936 e uma leitura dos textos prévios do autor a luz da primeira edição de *Raízes do Brasil*. Diante disso, percebeu-se a presença de ideias e até trechos completos que posteriormente o autor veio a desenvolver e utilizar em seu livro de 1936, o que nos permitiu concluir que Sérgio Buarque já vinha, desde seu primeiro texto (“Originalidade Literária”) desenvolvendo ideias que anos mais tarde vieram a ser aprofundadas e consolidadas em seu livro clássico.

Palavras-chave: Raízes do Brasil; Sérgio Buarque de Holanda; Modernismo; indiciário

ABSTRACT

This dissertation analyzes the first edition of *Roots of Brazil*, published in 1936 by Sérgio Buarque de Holanda, as the inaugural work of the Brazilian Documents Collection, taking into account the influences of the historical-social context experienced by Sérgio Buarque and the production of articles before the publication of his *princeps* work. It was developed with the aim of making an indicative inventory and verifying the presence of ideas in excerpts from the work in the author's previous texts, specifically the texts "Originalidade Literária" (1920), "Lado oposto e outros lados" (1926) and "Corpo e Alma do Brasil" (1935). To this end, research was carried out based on the evidentiary paradigm developed by Carlo Ginzburg, whose texts were read and interpreted through a qualitative approach. A brief biography was written about Sérgio Buarque de Holanda, as a way of observing the influences of the historical-social context he experienced. Afterwards, the presence of Modernism in the *Roots of* was discussed, the possible factors that led to the choice of the essay by Sérgio Buarque de Holanda and a brief history of the founding of Livraria José Olympio. Finally, we discuss the choice of the first edition, published in 1936, as our documentary source, a brief analysis of the structure of the 1936 work and a reading of the author's previous texts in light of the first edition of *Roots of Brazil*. In view of this, we noticed the presence of ideas and even complete excerpts that the author later developed and used in his 1936 book, which allowed us to conclude that Sérgio Buarque had already been there, since his first text ("Originalidade Literária") developing ideas that years later were deepened and consolidated in his classic book.

Palavras-chave: Roots of Brazil; Sérgio Buarque de Holanda; Modernism; indiciarism

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	CAPÍTULO I – CONTEXTO HISTÓRICO BUARQUEANO	
1.1	Sérgio paulistano (1902-1920).....	18
1.2	Sérgio, o modernista carioca (1921-1929).....	21
1.3	Sérgio, um brasileiro na Alemanha (1929-1931).....	27
1.4	Sérgio pós-Berlim (1931-1982).....	31
2.	CAPÍTULO II – SOBRE O “SOLO” DE RAÍZES DO BRASIL	
2.1	Modernismo em <i>Raízes do Brasil</i>	40
2.2	A escolha pelo ensaio.....	45
2.3	A Livraria José Olympio e a Coleção Documentos Brasileiros	49
3	AS “SEMENTES DE RAÍZES DO BRASIL: INDÍCIOS	
3.1	<i>Raízes do Brasil</i> , a primeira edição.....	55
3.2	As “sementes” de <i>Raízes do Brasil</i> e sua presença na obra.....	62
3.2.1	Originalidade Literária (1920).....	62
3.2.2	O lado oposto e outros lados (1926).....	64
3.2.3	Corpo e alma do Brasil: ensaio de psicologia social (1935).....	66
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
	REFERÊNCIAS	77

INTRODUÇÃO

“Caminhante, não há caminho, o
caminho se faz ao caminhar”
(Antonio Machado)

O processo de construção de identidade é algo que todos nós passamos ao longo de nossa caminhada enquanto indivíduos, em todas as instâncias da vida. Formar essa identidade própria é o que estabelece sermos aquele que somos, individualizando-nos frente ao coletivo. Não poderia ser nada diferente quando falamos sobre a vida acadêmica.

Iniciada em 2002, minha trajetória acadêmica passou por idas e vindas, por caminhos diversos que esse caminhante que aqui escreve trilhou para chegar aonde chegou. Foi ao longo da minha formação em História, na cidade de Mariana-MG, entre os anos de 2002 e 2006, que tive os primeiros contatos com Sérgio Buarque de Holanda e trechos de suas obras tidas como clássicas, naquelas leituras tão comuns, recortadas de capítulos específicos. Foi assim que tive contato com capítulos populares como “O homem cordial” e “Semeadores e ladrilhadores” (e que só nos estudos dessa dissertação chegou a mim a informação de que o capítulo passou a ter esse título apenas na segunda edição, revista e ampliada, publicada em 1948), em *Raízes do Brasil* ou “Paraíso Perdido” e “Visão do Paraíso”, em *Visão do Paraíso*. Desses dois livros, o que mais me chamou a atenção, desde o início, foi *Raízes do Brasil* e a construção da identidade de Brasil e de brasileiro proposta por Sérgio Buarque de Holanda.

Concluída a licenciatura, retornei ao Espírito Santo, onde a caminhada seguiu por outros rumos e vieram os anos de sala de aula e o distanciamento do mundo acadêmico. A docência foi fundamental para que novos caminhos viessem a surgir, levando a um amadurecimento profissional e também intelectual, por meio de leituras e formações feitas ao longo da vivência da sala de aula.

Depois de uma década dedicada quase que exclusivamente à docência, em um período sabático no ano de 2017, retomei meus olhares para a academia. Foi quando fiz a matrícula como aluno especial em uma disciplina ofertada pela Prof^a Dr^a Márcia

Barros, no PGCS-UFES, sobre Gilberto Freyre e *Casa-Grande & Senzala*. Nessa disciplina fomos levados pela professora a fazermos uma leitura indiciária da obra-prima de Freyre, lendo-a a contrapelo, como bem nos orienta Walter Benjamin. Durante as aulas, as sementes que levaram ao surgimento desse projeto começaram a germinar. Em um primeiro momento, a ideia era verificar a existência de uma espécie de diálogo travado entre Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, partindo de suas obras (*Casa-Grande & Senzala* e *Raízes do Brasil*, respectivamente), por meio de uma análise comparada entre as obras revisadas pelos próprios autores, observando as adições e exclusões feitas por eles a cada nova revisão. Contudo, ao logo dos estudos e leituras, tive contato com uma palestra proferida por Antonio Candido, disponível no YouTube, “Um homem, duas cidades”¹, promovida pelo Instituto de Estudos Brasileiros, IEB/SP. Foi então que a semente foi plantada e a caminhada acabou por seguir novos rumos, levando ao atual projeto.

Ao tratar sobre a influência do Rio de Janeiro e de São Paulo sobre a formação do intelectual e do homem Sérgio Buarque de Holanda, Antonio Candido despertou a curiosidade de, nessa influência, buscarmos como que o modernismo e também a fase berlinense de Sérgio Buarque tiveram influências em sua obra *princeps*. Tendo em vista isso, é importante delimitarmos nosso objeto de pesquisa, como assim se espera de qualquer pesquisa que se preze. Sendo assim, a nossa proposta reside na leitura da primeira edição de *Raízes do Brasil*, publicada no ano de 1926, como obra inaugural da Coleção Documentos Brasileiros, da Livraria José Olympio. A leitura dessa primeira edição levará em conta o contexto social e histórico que estão imediatamente relacionados a ela, tendo em vista nossa proposta de verificar a influência do modernismo sobre a formação do intelectual Sérgio Buarque de Holanda e a escrita da primeira edição de *Raízes*.

Partindo dessa análise do contexto social e histórico em torno de Sérgio Buarque de Holanda e a escrita de *Raízes do Brasil*, a nossa hipótese é a de que ao longo de sua participação no Movimento Modernista e em seu período germânico de formação, Sérgio desenvolveu preliminarmente ideias em textos publicados antes de sua obra *princeps*. Para que possamos responder satisfatoriamente essa hipótese temos como objetivo principal fazer um inventário indiciário sobre de Sérgio Buarque de Holanda e

¹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=wXgG0GR7CYg&t=7s>, acesso 31/10/2023, 13:33.

sua obra inaugural, afim de investigar de que forma a participação no Movimento Modernista e seu período na Alemanha foram fundamentais para o desenvolvimento prévio de ideias que foram consolidadas posteriormente em *Raízes do Brasil*. Referimo-nos mais especificamente aos textos “Originalidade Literária” (1920), “Lado oposto e outros lados” (1926) e “Corpo e Alma do Brasil” (1935), que abordaram questões que vieram a ser desenvolvidas de maneira mais ampla e consolidada em *Raízes do Brasil*. Temos esses artigos como as “sementes” que deram origem a obra de Sérgio Buarque de Holanda publicada em 1936. Além disso, será fundamental identificar, analisar e estabelecer as redes de sociabilidade intelectual em torno de Sérgio Buarque e identificar as influências do período germânico sobre as ideias desenvolvidas em *Raízes do Brasil*.

O tema por nós pesquisado tem sido retomado nos últimos anos, em especial após a publicação da edição crítica, organizada por Pedro Meira e Lilia Schwarcz, de *Raízes do Brasil*, por ocasião do aniversário de 80 anos de publicação dessa obra, em 2016. Trabalhos recentes como os de Dalton Sanches (tese “Agonística buarquiana: Sérgio Buarque de Holanda em combates com Gilberto Freyre e Alceu Amoroso Lima”² e dissertação “Entre ‘formas hesitantes e bastardas’: ensaísmo, modernismo e escrita da história em *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda”³), Maro Lara Martins (tese “Interesse e Virtude: a sociologia modernista dos anos 1930”⁴), André Jobim Martins (tese “A flor e o espinho: a formação brasileira de Sérgio Buarque de Holanda”⁵), assim como o livro de Luiz Feldman (*Raízes do Brasil: um clássico por amadurecimento*⁶, além de artigos diversos, em principal os publicados por Ronaldo Vainfas⁷, Sérgio da Mata⁸, André Villela⁹, entre outros.

Apesar de ser um tema recorrente, em principal em pesquisas da área de história, cremos que nosso trabalho pode vir a trazer uma contribuição para as pesquisas a respeito do tema, ao trazer um olhar a respeito da formação e a contribuição de Sérgio Buarque de Holanda enquanto um dos primeiros intelectuais de grande importância

² SANCHES, 2019

³ SANCHES, 2013

⁴ MARTINS, 2013

⁵ MARTINS, 2020

⁶ FELDMAN, 2016

⁷ VAINFAS, 2016

⁸ MATA, 2016

⁹ VILLELA, 2020

para a formação do pensamento sociológico brasileiro e a relação desse com o movimento modernista, a intelectualidade brasileira das décadas de 1920 e 1930 e também o seu trânsito em níveis internacionais, em principal sua passagem pela Alemanha.

Temos como objetivo principal, em nosso trabalho, demonstrar que ao longo de suas publicações nas décadas de 1920 e 1930, em especial os textos “Originalidade Literária” (1920), “Lado oposto e outros lados” (1926) e “Corpo e Alma do Brasil” (1935), Sérgio Buarque de Holanda já vinha abordando ideias e temas que vieram a ser desenvolvidos de maneira mais aprofundada em *Raízes do Brasil* (1936). A nossa hipótese reside justamente na existência de uma discussão prévia de Sérgio Buarque de Holanda em artigos publicados anteriormente a *Raízes do Brasil*, de assuntos e ideias que foram desenvolvidos posteriormente. Além disso, como outros objetivos secundários também buscaremos demonstrar como a influência do contexto histórico-social vivido por Sérgio Buarque de Holanda sobre a sua produção, a influência do modernismo e do período berlinense sobre *Raízes do Brasil*.

Como forma de atingirmos os objetivos traçados em nossa pesquisa e corroborarmos a nossa hipótese, faremos uma análise qualitativa, abordando a pesquisa documental e bibliográfica referente a temática de nosso trabalho.

Partiremos, na nossa pesquisa, da análise da 1ª edição de *Raízes do Brasil*, publicada em 1936, na Coleção *Documentos Brasileiros*, pela Livraria José Olympio. Nosso acesso a essa fonte documental foi possível graças a contribuição do historiador Dalton Sanches, que compartilhou conosco a digitalização desse documento, a qual ele teve acesso ao desenvolver as pesquisas relacionadas a sua dissertação, em 2013¹⁰. Além disso, ainda teremos como fontes documentais os artigos escritos por Sérgio Buarque de Holanda “Originalidade Literária”, “O lado oposto e outros lados”, publicados respectivamente em 1920 e 1926, constantes no livro *O Espírito e a Letra – Vol. 1*, organizado por Antonio Arnoni Prado¹¹ e “Corpo e Alma do Brasil”, publicado em 1935, constante no livro *Escritos Coligidos – Vol. 1*, organizado por Marcos Costa¹². A escolha desses três artigos escritos por Sérgio Buarque de Holanda deve-se a percepção, durante a leitura de diversos textos escritos pelo autor nos anos

¹⁰ SANCHES, 2013.

¹¹ PRADO, 1996

¹² COSTA, 2011

prévios a publicação de *Raízes*, de temáticas e ideias que se encontram presentes na obra inaugural de Sérgio Buarque. Outras fontes pertinentes e que serão utilizadas em nosso trabalho são as correspondências trocadas entre Sérgio Buarque de Holanda e Mário de Andrade, constantes no livro *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência*, organizado por Pedro Meira Monteiro¹³, as entrevistas concedidas por Sérgio Buarque de Holanda a Revista Manchete (1966) e Richard Graham (1982), artigos escritos por Sérgio durante o período de residência em Berlim¹⁴. Nessa fase de análise dos artigos escritos por Sérgio Buarque de Holanda, as entrevistas concedidas e correspondências trocadas, o paradigma indiciário desenvolvido por Carlo Ginzburg ao longo de sua produção acadêmica em obras como *O queijo e os vermes*¹⁵, *Mitos, emblemas e sinais*¹⁶ e *Nenhuma ilha é uma ilha*¹⁷ serão de grande valia, despertando em nós um olhar mais atento sobre as fontes primárias mencionadas. A respeito desse paradigma, segundo a prof. Márcia Rodrigues, temos que ele funda-se

[...] num rigor flexível, sensível aos sons, sabores e odores, em que rigor, sensibilidade, intuição e técnica se combinam para chegar à verdade provável; que não é nem a verdade dos positivistas, nem a impossibilidade da verdade dos céticos, nem o relativismo pós-moderno. O que então daria aos fenômenos existentes a sua consistência? O *indício*. (RODRIGUES, 2005, p. 216)

Ainda sobre o indiciarismo, Márcia Barros complementa, dizendo que “trata-se de um método em que o faro, o golpe de vista, a intuição – que pertence a todos os homens sem distinção e une estreitamente o animal homem às outras espécies animais – ganham uma importância inusitada” (RODRIGUES, 2005, p. 217). Desse modo, buscaremos condicionar a nossa análise documental e bibliográfica de modo a apurar nosso faro e manteremos nossos olhos atentos.

A respeito dos documentos citados acima e a pesquisa em torno deles, temos que, segundo Marconi e Lakatos, a pesquisa documental é aquela que a “(...) fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se

¹³ MONTEIRO, 2012.

¹⁴ ASSIS, 1988

¹⁵ GINZBURG, 2006

¹⁶ GINZBURG, 1989

¹⁷ GINZBURG, 2004

denomina como fontes primárias” (MARCONI & LAKATOS, 2003, p. 174). A respeito das correspondências que serão fontes de nossa pesquisa, destacam-se como de grande importância, uma vez que são tidas como “documentos particulares”. Esse tipo de fonte “(...) são importantes sobretudo por seu conteúdo não oferecer apenas fatos, mas os significados que estes tiveram para aqueles que viveram, descritos em sua própria linguagem”. (MARCONI & LAKATOS, 2003, p. 181).

Outro método de pesquisa que utilizaremos será a pesquisa bibliográfica. Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil* e o Modernismo apresentam uma fortuna crítica bastante vasta, com inúmeros pesquisadores que já se debruçaram sobre essas temáticas. Desse modo, faz-se mais do que necessário um levantamento dessa produção, principalmente aquela relacionada ao nosso tema de pesquisa, uma vez que ela se apresenta como importante fonte secundária para nossos estudos. Sobre a pesquisa bibliográfica, Marconi e Lakatos trazem que

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico, etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas. (MARCONI & LAKATOS, 2003, p. 183)

Por meio da pesquisa bibliográfica é possível, inclusive, fazermos um levantamento mais amplo sobre a temática estudada, nos levando ao contato de fontes até então desconhecidas por nós¹⁸.

Por meio da pesquisa por nós empreendida, buscamos construir um inventário sobre Sérgio Buarque de Holanda e sua obra *Raízes do Brasil*, compilando dados importantes para que possamos, tanto nesse trabalho quanto em pesquisas futuras, observar com o “faro” e o “olhar atento” do indiciarismo, para as “pontas soltas” que

¹⁸ Apenas para ilustrar essa situação, foi justamente com a leitura da dissertação do professor Dalton Sanches (ou seja, durante a pesquisa bibliográfica) que foi possível a descoberta da existência de uma digitalização da primeira edição de *Raízes do Brasil*. De posse dessa informação, entramos em contato com o referido pesquisador e assim nos foi disponibilizada essa importante fonte documental.

se mostraram para nós e que trazem informações interessantes a serem abordadas e destrinchadas.

Com o desenvolvimento desta pesquisa, buscamos contribuir de maneira relevante com a produção acadêmica a respeito do tema, trazendo uma abordagem que venha a somar-se à fortuna crítica a respeito de Sérgio Buarque de Holanda e *Raízes do Brasil*, vindo a contribuir com um novo olhar a respeito de sua obra *princeps* e, para além disso, as influências do contexto histórico-social vivenciado pelo autor e da presença ideias previamente abordadas por ele em seus textos como crítico literário e que depois vieram a estar na obra de 1936, desenvolvidas de maneira mais aprofundadas ou até mesmo transpostas do artigo para *Raízes*.

Sobre a organização de nossa dissertação temos que ela é composta por três capítulos, além desta introdução. No primeiro capítulo, intitulado *Contexto histórico buarqueano*, faremos uma breve biografia histórico-social a respeito de Sérgio Buarque de Holanda, passando brevemente por sua infância e juventude, sua participação no Movimento Modernista quando no Rio de Janeiro, sua breve passagem pela Espírito Santo, o período berlinense, seu retorno ao Brasil, sua atuação em instituições ligadas ao governo federal durante o Estado Novo, seu retorno à São Paulo, passando por sua aposentadoria até seu falecimento no início da década de 1980. No capítulo seguinte, *Sobre o solo de Raízes do Brasil*, abordaremos o Movimento Modernista e a sua influência sobre a obra *Raízes do Brasil*, discutiremos sobre a escolha do ensaio por Sérgio Buarque de Holanda como a forma de texto para sua obra *princeps*, tendo por base o conceito de ensaio proposto por Adorno em seu texto “Ensaio como forma”¹⁹ e por último faremos um breve histórico sobre a fundação da Livraria José Olympio, fundada em 1931 pelo livreiro José Olympio, e da organização e existência da *Coleção Documentos Brasileiros*, importante *brasíliana*, da qual *Raízes do Brasil* foi sua obra inaugural, no ano de 1936, que teve seu último volume publicado em 1989, tendo, portanto, mais de cinco décadas de duração. No terceiro capítulo, *As sementes de Raízes do Brasil*, adentramos especificamente em nosso objeto de análise, a primeira edição de *Raízes do Brasil*, publicada em 1936, falando em primeiro lugar das alterações pelas quais a obra passou ao longo de suas revisões, em especial as diferenças existentes entre a

¹⁹ ADORNO, 2003.

primeira edição de 1936 e a segunda edição, revista e ampliada, de 1945, depois disso passamos a analisar os artigos os quais carinhosamente chamamos de “sementes”, “Originalidade Literária” (1920), “Lado oposto e outros lados” (1926) e “Corpo e Alma do Brasil” (1935) sempre em paralelo com a primeira edição de *Raízes do Brasil*, buscando demonstrar e corroborar a nossa hipótese. Por fim, nas *Considerações finais*, faremos uma síntese dos argumentos apresentados ao longo desta dissertação, com base nas fontes pesquisadas e analisadas.

CAPÍTULO I

CONTEXTO HISTÓRICO “BUARQUEANO”

“O meu pai era paulista...”

(Chico Buarque)²⁰

Sérgio paulistano (1902-1920)

Composta em 1993, a música autobiográfica de Chico Buarque *Paratodos*, parte de seu pai, o historiador e sociólogo Sérgio Buarque de Holanda, para contar um pouco sobre si e, também, da música brasileira. Antes de abordarmos *Raízes do Brasil*, se faz necessário conhecer um pouco sobre seu “pai”. Porém, seremos um pouco mais detalhistas do que seu filho ilustre, e não nos limitaremos a falar apenas de seu local de nascimento.

Nascido em São Paulo, em 11 de julho de 1902, poucos dias após seus pais completarem um ano de casados, Sérgio Buarque de Holanda foi o filho primogênito do pernambucano Cristovam Buarque de Hollanda e da fluminense Heloísa Gonçalves Moreira Buarque de Hollanda. Cristovam, ainda na juventude, mudou-se de Pernambuco para o Rio de Janeiro, onde deu início ao curso de medicina, o qual acabou não concluindo. Anos mais tarde, mudou-se para São Paulo, foi membro da Sociedade Farmacêutica Paulista, criada em 1894 e um dos fundadores da Escola de Farmácia, fundada em 1898. Segundo discurso proferido pelo Dr. Lauro Domingos Moretto, como membro da Academia Nacional de Farmácia, temos que

Cristovam Buarque de Hollanda fez parte da primeira relação de docentes da Escola de Farmácia, tendo sido designado catedrático da disciplina de Botânica I, tendo como colega Alfredo Loefgren que se ocupou da cátedra de Botânica brasileira.²¹

²⁰CHICO BUARQUE. **Paratodos**. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 1993. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XWCKkGuruyE>. Acesso em 12 jul. 2023.

²¹ Disponível em http://www.academiafarmacia.org.br/Discurso_lauro.pdf, acesso 14 de agosto de 2023, as 09:10

No dia 26 de junho do ano de 1901, Cristovam Buarque veio a se casar com Dona Heloísa de Araujo, na paróquia do Cambuci, em São Paulo. No ano de 1922, Cristovam Buarque de Hollanda aposentou-se, vindo a falecer em 1932, no Rio de Janeiro, não chegando a ver publicada a obra inaugural de seu filho, objeto de nosso estudo nessa dissertação. Dona Heloísa Buarque de Hollanda, nasceu em Niterói e, ainda pequena, ficou órfã. Por conta disso passou a ser criada por seus padrinhos, que residiam em São Paulo. Após casar-se, dedicou-se aos cuidados do lar e dos filhos – além de Sérgio Buarque de Holanda o casal ainda teve dois filhos, Jaime Buarque de Holanda e Cecília Buarque de Holanda. Em 1957, na cidade do Rio de Janeiro, Dona Heloísa veio a falecer.

Até o início da década de 1920, Sérgio Buarque de Holanda residiu em São Paulo, morando em diversos endereços até mudar-se para a capital federal com sua família.

Sérgio nasceu a 11 de julho de 1902, em São Paulo, à rua São Joaquim, no bairro da Liberdade. Durante a primeira infância morou também à rua Ipiranga, rua Maria Antonia e rua Helvetia. Em seguida na rua Piauí, de onde guarda boas e numerosas recordações e, finalmente, na Av. Angélica, pouco antes de mudar-se para o Rio.²²

O início dos estudos de Buarque de Holanda foi no Jardim de Infância do Colégio Progresso Brasileiro, localizado no Largo dos Guaianazes, uma escola americana então dirigida por Mrs. Bagby²³. Seus estudos primários (o que hoje chamamos de Ensino Fundamental) tiveram continuidade na Escola Modelo Caetano Campos, localizada na Praça da República. O secundário (atual Ensino Médio) foi cursado no Colégio São Bento. Foi lá que Sérgio teve contato com uma figura de fundamental importância para sua trajetória intelectual, Afonso de Taunay. Historiador clássico e essencial na historiografia no início do século XX, com importante trabalho sobre a contribuição dos bandeirantes na formação do Brasil, *História das bandeiras paulistas*, coleção de 11 livros publicados entre 1924 e 1950, ocupante da cadeira número 01 da Academia Brasileira de Letras (eleito em 07 de novembro de 1929). Afonso e Sérgio

²² Disponível em https://www.siarq.unicamp.br/sbh/biografia_01.html, acesso 25 de julho de 2023, as 09:20.

²³ Segundo relato do próprio Sérgio Buarque de Holanda, em entrevista concedida a Richard Graham. (GRAHAM, 1982. p. 1175)

mantiveram relações de proximidade ao longo de toda vida, como bem demonstram Schneider e Martins (2019):

[...] as relações de proximidade biográfica entre os dois autores vinham de longa data e perduraram por toda a vida: Taunay havia sido professor de Buarque de Holanda no curso ginasial do colégio São Bento. 'Originalidade literária', primeiro artigo de Sérgio Buarque, foi levado por seu pai, Cristóvão Buarque de Holanda, amigo de Taunay, ao autor de *História das bandeiras paulistas*, que o publicou no *Correio Paulistano*. Já na década de 1960, Sérgio Buarque, durante se discurso de posse na Academia Paulista de Letras, afirma que estava 'preso' a Afonso de Taunay por 'algum motivo misterioso e inexpugnável (SCHNEIDER & MARTINS, 2019, p. 12).

A influência de Taunay na vida intelectual de Sérgio foi de fundamental importância para que ele viesse a se dedicar a produção de obras na área da sociologia e história. Talvez seja um tanto exagerado, mas não nos furtamos a dizer que Afonso de Taunay possa ter sido o “pai” de Buarque de Holanda na sociologia e historiografia.

Antes de se mudar para o Rio de Janeiro e receber o convite, por Mário de Andrade, para ser correspondente da Revista Klaxon em terras cariocas, Buarque de Holanda veio a publicar, aos 17 anos de idade, no *Correio Paulistano*, o texto “Originalidade Literária” (1920), onde escreve sobre a importância de se desenvolver uma literatura nacional própria, vinculada e inspirada em questões nacionais. Conforme nos traz Carvalho, “(...) há um esboço bastante primário [...] das questões sobre o americanismo e diferenças entre colonizadores portugueses e espanhóis e como isso influenciou desenvolvimentos diferentes” (CARVALHO, 2011, p. 10). Mesmo em idade tão imberbe, e em seu texto inicial, podemos perceber que Sérgio já começara a demonstrar a sua veia de historiador/sociólogo.

Nessa fase paulistana de sua vida, é interessante observarmos que Sérgio Buarque de Holanda cresceu em meio a transformações que a sociedade de sua época vivia. A São Paulo do início do século XX acelerava o seu processo de urbanização graças à formação de uma camada enriquecida da sociedade, devido aos lucros oriundos do café. Nas primeiras décadas do século XX, diversos foram os investimentos que levaram a mudanças profundas nas estruturas sociais paulistas. A industrialização ocorrida em São Paulo e a vinda de imigrantes europeus entre finais do século XIX e início do XX, tiveram como resultado o processo de formação de uma classe operária nos setores urbanos, que contribuíram sobremaneira para transformações de ordem

política e social, com a organização de sindicatos, movimentos operários e greves (como a Greve Geral de 1917, ocorrida em São Paulo, entre os meses de junho e julho), tudo isso poucos anos antes da mudança da família Buarque de Holanda para a capital federal.

Logo após a Proclamação da República, a cidade de São Paulo apresentou um aumento bastante acelerado em sua população. Segundo Glezer,

[...] a população urbana dobrou em cinco anos: em 1890 havia 65 mil habitantes, que passaram a 130 mil em 1895! E em 1900, a cidade contava com 240 mil habitantes – 84,6% de crescimento. Uma explosão demográfica de 269% na década, quase 14% ao ano. [...] Na última década do século entraram no estado 700 mil imigrantes, e uma parte deles ficou na área urbana ou para ela retornou (GLEZER, 2007, p. 169).

Devido a explosão demográfica ocorrida em São Paulo, todo um projeto de mudanças estruturais na cidade foi necessário no princípio do século XX, período em que Sérgio Buarque de Holanda residiu na cidade. Esse processo de crescimento e reestruturação do espaço urbano ocorre também no Rio de Janeiro, como resultado de reformas urbanas ocorridas no mesmo período das primeiras décadas do século XX. Sérgio passa a ter contato com essas mudanças a partir da ida para a capital federal com seus pais.

Sérgio, o modernista carioca (1921-1929)

O ano de 1921 foi o primeiro grande ponto de virada na vida intelectual de Sérgio Buarque de Holanda. Aos 19 anos, Sérgio mudou-se com sua família de terras paulistas para a então capital federal. No capital do país, ingressou na faculdade de Direito, curso ao qual não se dedicou, segundo suas próprias palavras, de maneira tão intensa. Em entrevista concedida a Richard Graham, na década de 1980, Sérgio afirma sobre esse período:

Lá [no Rio de Janeiro] entrei na Faculdade de Direito, mas estudava pouco. Levava uma vida boêmia, cheia de conversas animadas em cafés, bares, livrarias e redações de jornais. Falávamos de política, arte, literatura, acontecimentos internacionais e de nossas vidas particulares (HOLANDA, 1982, p. 1175).

Em decorrência da Faculdade de Direito e de sua vida boêmia, Sérgio intensificou o seu contato com a intelectualidade, em especial a modernista. Foi nesse período que Sérgio ampliou a sua rede de sociabilidade, tendo participação em duas revistas modernistas da década de 1920, a *Klaxon* e a *Estética*.

Da primeira, Sérgio Buarque de Holanda foi nomeado representante no Rio de Janeiro, diretamente por Mário de Andrade (1893-1945), poeta e cronista de fundamental importância, tido como um dos fundadores do modernismo brasileiro. Com Mário de Andrade, Sérgio cultivou uma longa relação de amizade, tendo trocado dezenas de cartas ao longo dos anos de 1922 a 1944, organizadas por Pedro Meira Monteiro no livro *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: Correspondência* (MONTEIRO, 2012). Por meio dessas correspondências que, mais a frente, faremos um levantamento da rede de sociabilidade construída por Sérgio Buarque de Holanda entre as décadas de 1920 a 1940.

A segunda revista modernista, *Estética*, foi fundada por Sérgio Buarque de Holanda em conjunto com Prudente de Moraes Neto, com o qual estabelecera amizade no curso de Direito, no ano de 1924, como uma espécie da sucessora da *Klaxon*. Segundo palavras do próprio Sérgio,

No Rio, eu era o representante da *Klaxon*, a revista modernista de São Paulo e, em 1924, junto com Prudente de Moraes Neto, fundei uma revista sucessora, de curta existência, chamada *Estética* (HOLANDA, 1982, p. 1175).

Com publicação trimestral, a revista teve curta duração, tendo apenas 3 números, com último publicado no ano de 1925. Mesmo com fim prematuro, não podemos deixar de ressaltar a importância dessa revista no amadurecimento de Sérgio Buarque de Holanda enquanto intelectual, que se descolou, inclusive, dos modernistas originários, adotando uma postura mais crítica em relação ao movimento. Já no número de estreia da *Estética*, Sérgio Buarque de Holanda publicou o texto “Perspectivas”, causando certo desconforto junto a intelectualidade modernista da década de 1920.

Após o encerramento da *Estética*, Sérgio Buarque de Holanda publicou o texto “O lado oposto e outros lados”, na *Revista do Brasil*, em 1926. Nesse texto, reforçou suas críticas àquilo que o modernismo brasileiro estava se tornando. Segundo Buarque de Holanda,

Está visto que pra mim os que exprimem o momento atual nesse ano de 1926, contam muito mais do que os de 1916. A gente de hoje aboliu escandalosamente, graças a Deus, aquele cepticismo bocó, o idealismo impreciso e desajeitado, a poesia “bibelô”, a retórica vazia, todos os ídolos de nossa *intelligentsia*, e ainda não é muito o que fez limitações de todos os lados impediam e impedem uma ação desembaraçada e até mesmo dentro do movimento que suscitou esses milagres têm surgido germens de atrofia que os mais fortes já começam a combater sem tréguas (HOLANDA, 1996, p. 224).

Não satisfeito em dizer de maneira genérica, Sérgio Buarque de Holanda nomeia os “germens de atrofia” mais a frente, em seu texto:

Não se trata de combater o que já se extinguiu, e é absurdo que muitos cometem. Mesmo em literatura os fantasmas já não pregam medo em ninguém. O academicismo, por exemplo, em que todas as suas várias modalidades – mesmo o academicismo do grupo **Graça Aranha-Ronald-Renato Almeida**, mesmo o academicismo de **Guilherme de Almeida** – já não é mais um inimigo, porque ele se agita num vazio e vive à custa de heranças. As figuras mais representativas desse espírito acadêmico e mesmo as melhores (como é o caso dos nomes que citei) falam uma linguagem que a geração dos vivem esqueceu há muito tempo (HOLANDA, 1996, p. 225) (GRIFOS NOSSOS).

Sobre Graça Aranha, Ronald Carvalho e Renato Almeida, Sérgio afirma, no final do parágrafo seguinte à citação acima, que “Houve tempo em que esses autores foram tudo que havia de bom na literatura brasileira. No ponto em que estamos hoje, *eles não significam mais nada para nós*” (HOLANDA, 1996, p. 225, grifos do autor). Não se dando por satisfeito, Sérgio continua na página seguinte: “O que idealizam, em suma, é a criação de uma elite de homens, inteligentes e sábios, embora sem grande contato com a terra e com o povo” (HOLANDA, 1996, p. 226).

Interessante observar que os autores agora criticados por Buarque de Holanda no texto de 1926, pouco antes foram presença constante na revista *Estética* (1924-1925): Graça Aranha teve textos publicados nos dois primeiros números (inclusive, textos de abertura da revista); Guilherme de Almeida foi presença constante nos três números

da revista com seus poemas; e Ronald de Carvalho esteve presente com seus poemas no segundo número da revista.

Pouco tempo depois da publicação do texto “Lado oposto e outros lados”, Sérgio Buarque de Holanda mudou-se para a cidade de Cachoeiro do Itapemirim, no interior do estado do Espírito Santo, como se ele se impusesse um autoexílio. Lá, assumiu a edição do jornal *O Progresso* (1927). A respeito desse contexto, segundo Francisco de Assis Barbosa,

O artigo de Sérgio, publicado na Revista do Brasil, suscitara em suma uma onda de intolerância que o deixaria perplexo e desiludido. Saturado de tudo, só encontrou uma saída: aceitar o convite de seu amigo Vieira da Cunha para dirigir um jornal, *O Progresso*, em **Cachoeiro do Itapemirim, no Espírito Santo**, onde se deixaria ficar esquecido, como jornalista da roça, pelo resto do ano de 1927. Lá, passou a ser conhecido por Dr. Progresso. Pouco importa, fez-lhe bem a estadia no interior. Seria uma espécie de estação de cura (BARBOSA, 1989, p. 27) (GRIFOS NOSSOS)

Além disso, foi também em terras capixabas que Sérgio Buarque de Holanda fez uso do seu diploma de advogado. Segundo palavras do próprio, em entrevista concedida a Richard Graham, ao ser perguntado por quanto tempo ele havia permanecido no Rio de Janeiro, ele fala um pouco sobre sua experiência capixaba:

Até 1929, salvo uma experiência extravagante de seis meses, como redator de um jornal numa pequena cidade do Espírito Santo. Minha melhor lembrança destes meses foi quando substitui um promotor numa cidade ainda menor, que alcancei depois de seis horas de viagem a cavalo. Precisavam de alguém com cursos de direito, e eu era o único disponível. Cheguei cansado de morrer, mas ainda fui a um baile. Desnecessário dizer que meu caso foi tão fracamente apresentado no dia seguinte que o júri absolveu o acusado (HOLANDA, 1982, p. 1175).

A respeito dessa viagem, ainda, Francisco de Assis Barbosa nos dá alguns detalhes extras:

Certa vez, nomeado promotor *ad hoc* na cidade de Muniz Freire, para participar de um júri, viajou seis horas em lombo de burro, e chegou ao destino mais morto do que vivo, esfolado de tal sorte que se viu obrigado a tomar um banho tépido de salmoura para poder comparecer ao tribunal no dia seguinte. O réu foi absolvido, mas havia a viagem de volta a Cachoeiro do Itapemirim, mais penosa ainda que a vinda (BARBOSA, 1989, p. 27).

A residência em terras capixabas durou seis meses, tendo relação, ao que se especula, com a repercussão e o desconforto gerado pelo texto “O lado oposto e outros lados”. Nesse curto período, Sérgio ficou conhecido pela alcunha de “Dr. Progresso”. Segundo Monica Isabel de Moraes, durante o período no Espírito Santo “(...) Sérgio distancia-se da atividade de crítica literária direcionando-se, progressivamente, para uma produção intelectual próxima das análises de natureza sociológica e histórica” (MORAES, 2016, p. 68).

Mesmo com a breve estadia, Sérgio Buarque de Holanda observou de maneira interessada o Espírito Santo, o que se converteu em um artigo publicado em 1927 em *O Jornal*, de Assis Chateaubriand, do Rio de Janeiro, intitulado “Notas do Espírito Santo”. Nele, é possível perceber um olhar não mais de crítico literário, mas, sim, de um intelectual com preocupações voltadas para a formação social e histórica de um povo, o que nos abre caminhos para serem trilhados em pesquisas a posteriori. Apenas para ilustrar tal mudança de rumo, podemos citar um breve trecho que faz uma comparação entre o cachoeirense e o povo brasileiro, de maneira geral:

Em Cachoeiro do Itapemirim, uma cidade moderna e com melhoramentos que proporcionam o melhor conforto aos seus habitantes, com esgotos, calçamento, iluminação elétrica e até uma linha de bondes elétricos, com um centro social bastante adiantado, não senti no povo essa resistência a certa ordem de trabalhos, tão geral até hoje no Brasil e que herdamos dos tempos em que as famílias mandavam para o comércio os filhos que “não davam para nada” (HOLANDA, 1989. p. 91)

É importante percebermos que, nessa “primeira fase” carioca de Buarque de Holanda, formou-se uma rede de sociabilidade, que se deu entre a Faculdade de Direito, bares, cafés, e as redações de diversos jornais no Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo.

Partindo das cartas trocadas com Mário de Andrade, que se iniciam justamente após a mudança de Sérgio Buarque de Holanda de São Paulo para a capital federal de então, podemos perceber a referência a diversos nomes da intelectualidade brasileira da época, com os quais os autores mantiveram contato, inclusive chamando-os “amigos”: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto²⁴, Murilo Araújo, Graça Aranha, Cláudio Sales Ganns, Rodrigo Octavio, Oswaldo Beresford, Di Cavalcanti²⁵, Oswald Andrade,

²⁴ Monteiro, 2012, p. 22.

²⁵ Monteiro, 2012, p. 27.

Menotti Del Picchia²⁶, Renato Almeida, Ronald de Carvalho²⁷, Prudente de Moraes Neto²⁸, Álvaro Teixeira Soares²⁹.

Entre os anos de 1921 e 1929, Sérgio Buarque de Holanda vivenciou as transformações sociais, econômicas e culturais do Rio de Janeiro, que sofria a aceleração no processo de urbanização marcado pela reorganização do espaço urbano, políticas higienizadoras e o deslocamento de camadas pobres da sociedade para áreas periféricas. Segundo Molina (2013), as reformas se faziam necessárias uma vez que,

[...] a cidade do Rio de Janeiro, até o início do século XX, foi marcada pela presença de moradias precárias, ruas sujas, estreitas e mal iluminadas, repleta de habitações coletivas (representada pelos cortiços), e com graves problemas relacionados à salubridade, como a constante presença de pestilências, entre elas, febre amarela, malária, peste bubônica, beribéri e varíola (MOLINA, 2013, p. 32).

Contudo, as reformas levadas à frente, não agradaram a uma parcela significativa da população. É possível observar a eclosão de revoltas civis, como a ocorrida durante o período do governo de Pereira Passos na prefeitura do Rio de Janeiro, então Distrito Federal. Ainda, Rodrigues Alves, como presidente da República, entre os anos de 1902 a 1906, e sua “Política de Bota Abaixo”, foi responsável pela demolição de cortiços e grandes casarões nos espaços urbanos cariocas, somada à famosa campanha sanitária de vacinação contra a varíola, liderada por Oswaldo Cruz, então diretor de Saúde Pública, conhecida como a “Revolta da Vacina”, ocorrida no ano de 1904. A respeito do “Bota Abaixo”, Molina observa que,

[...] as intervenções urbanas na área central do Rio de Janeiro ocorreram em uma operação conhecida como “Bota Abaixo”, realizada pelo então prefeito, o engenheiro Francisco Pereira Passos. Além das demolições de grande parte da área central (desapropriação de inúmeros prédios e arrasamento de cortiços), construção de jardins, alargamento de ruas e construção de avenidas no centro e na orla [...] (MOLINA, 2013, p. 33).

O processo de transformação do espaço urbano carioca se dá dentro do mesmo período no qual observa-se a aceleração e as reformas urbanas ocorridas em São

²⁶ Monteiro, 2012, p. 39.

²⁷ Monteiro, 2012, P. 47.

²⁸ Monteiro, 2012, p. 66.

²⁹ Monteiro, 2012, p. 83.

Paulo, as quais Sérgio Buarque de Holanda foi contemporâneo. Esse processo faz com que, ao chegar no Rio de Janeiro, Sérgio tenha contato, na década de 1920, com uma cidade já dentro daquilo que se entendia como “moderna” para o período, semelhante, dessa forma, a que ele abandonara. Além disso, é importante frisarmos que, sendo capital federal, a cidade do Rio de Janeiro respirava toda aquela instabilidade política e social tão característica das décadas iniciais da nossa República recém-proclamada. Quando Sérgio chega em terras cariocas, a República havia sido proclamada há pouco mais de três décadas, e a própria sociedade passava por inúmeras transformações em suas estruturas políticas e sociais. Além disso, a República Oligárquica já se encaminhava para o fim, pois lidava com anos de instabilidades econômicas, e a Revolução de 30 estava às vésperas de ocorrer.

Sérgio, um brasileiro na Alemanha (1929-1931)

Em 1927, depois do “exílio capixaba”, Sérgio retornou ao Rio de Janeiro. Sobre esse retorno a terras cariocas, Rafael Pereira da Silva diz

De volta ao Rio de Janeiro, ainda em 1927, e aparentemente curado da crise existencial, Sérgio retomou a labuta cotidiana como tradutor de telegramas, na United Press, trabalhando ao lado de Múcio Leão, Austregésilo de Athayde e Barreto Leite Filho. A amizade com Múcio o levou ao *Jornal do Brasil*, onde passou a redigir uma crônica diária sem assinatura, intitulada “O dia dos senadores”. Lá estendeu ainda mais a sua rede de relações, somando as amizades de Barbosa Lima Sobrinho, Aníbal Freire e João Ribeiro (SILVA, 2016, p. 67).

A publicação de “Notas do Espírito Santo”, em 1927, em *O Jornal*, de propriedade de Assis Chateaubriand, somada à sua já conhecida verve enquanto intelectual, rendeu a Sérgio convite para trabalhar como correspondente em terras europeias e, assim, deu-se início ao período germânico de Sérgio.

A princípio, não era em Berlim que Sérgio Buarque de Holanda deveria fixar residência, segundo ele mesmo compartilhou em entrevista a Richard Graham: “O plano era que fosse à Polônia e à Rússia, mas achei o frio da Polônia muito ruim e decidi ficar em Berlim” (HOLANDA, 1982, p. 1176).

Durante aproximadamente dois anos, Sérgio Buarque residiu em Berlim. MetrÓpole europeia do final da década de 1920 e início de 1930, Sérgio ficou muito bem instalado

em terras berlinenses, inclusive próximo à uma certa vida boêmia, que sempre lhe foi bastante cara. Segundo Antonio Candido,

Sérgio residia na zona mais agradável da cidade, numa esquina de Uhlandstrasse com a Kurfürstendamm, avenida bonita e espaçosa apelidada a “Champs Elysées berlinense”. Depois mudou para outro apartamento na mesma rua, pouco adiante, em cima do Uhlandeck, que era o que se chamava um cabaret. Virando a esquina, ia facilmente ao consulado do Brasil, na Kurfürstendamm, não sem antes passar pelo da Guatemala [...]. Passava também pelo teatro de Erwin Piscator e o café Illibrich, cuja orquestra americanizada tocava a miúdo o one-step Allelujah, muito regado a saxofone, além de tangos argentinos mais enérgico o que o normal (CANDIDO, 1989, pp. 119-120).

Em Berlim, Sérgio teve contato com a produção sociológica, filosófica e historiográfica alemã, em especial com autores como Weber (cuja influência é clara em *Raízes do Brasil*, com a configuração dos tipos ideais), Meinecke, entre outros.

Ao ser questionado por Richard Graham sobre a influência alemã em sua formação enquanto historiador, primeiro Sérgio Buarque de Holanda desconversa: “Vivi na Alemanha, mas isto não é suficiente para dizer que fui influenciado pelos historiadores alemães” (HOLANDA, 1982, p. 1176). Ao ser questionado mais uma vez sobre a influência alemã em sua obra, Sérgio entra em mais detalhes a respeito de suas leituras naquele período:

Em Berlim, assisti, muito assistematicamente, a conferências de Friederick Meinecke. Elas sugeriram novos caminhos. Li Ernest Kantorowickz, sobre Frederico III, e então Sombart e, através de Sombart, cheguei a Weber. Ainda tenho, aqui nas minhas estantes, obras de Weber que comprei naquela época (HOLANDA, 1982, p. 1176).

A lista de autores com os quais Buarque de Holanda teve contato durante a sua estadia na Alemanha é farta. Além dos já mencionados, podemos citar Burckhardt, Bergson, Thomas Mann³⁰, Nietzsche, Gide, Friedrich Gundolf, Ernst Bertram, Oswald Spengler³¹, entre outros. Dentre os nomes citados, podemos observar a presença de intelectuais de uma geração que ficou conhecida na Alemanha pela expressão “Revolução Conservadora” (Nietzsche – uma espécie de referência obrigatória do grupo – e Oswald Spengler). Sobre essa geração, Sérgio da Mata escreve o seguinte:

³⁰ VILELLA, 2020.

³¹ DA MATA, 2016.

Essa expressão – já bem estabelecida na historiografia alemã – designa uma geração de intelectuais que ao longo dos anos da República de Weimar, tinham em comum o irracionalismo filosófico, o antiliberalismo, a crítica dos direitos humanos, a recusa da democracia representativa e a apologia de uma ditadura cesarista (DA MATA, 2016, p. 67).

É interessante perceber que trechos presentes na primeira edição de *Raízes do Brasil*, publicada em 1936, são revisados por Sérgio Buarque de Holanda em edições posteriores, levando a uma série de mudanças na obra, ao longo dos anos. Trechos foram completamente extirpados, outros alterados. Citações feitas a conservadores, como Spengler³² e Carl Schmitt,³³ desapareceram já na segunda edição (1948), assim como referências a Gilberto Freyre.³⁴ Aliás, a exclusão mais perceptível na segunda edição, é a do prefácio escrito por Freyre para a primeira edição de *Raízes do Brasil*.

Ainda sobre o período de Sérgio Buarque de Holanda na Alemanha, seu filho Chico Buarque, partindo de uma carta encontrada por ele junto aos pertences de sua mãe, enveredou por uma busca a respeito de um irmão alemão, Sérgio Günther, filho de Sérgio Buarque de Holanda, ainda solteiro, com a jovem alemã Anne Ernst. A esse respeito, Chico Buarque escreve:

Sergio Günther, filho de Sérgio Buarque de Holanda e Anne Ernst (ou Anne Margrit Ernst, ou Annemarie Ernst), nasceu em Berlim, em 21 de dezembro de 1930. Em 1931 ou 1932, foi entregue pela mãe à Secretaria da Infância e da Juventude do distrito de Tiergarten, Berlim. Em 193?, Arthur Erich Willy Günther e sua mulher, Pauline Anna, adotaram o menino Sergio Ernst, que seria criado com o nome de Horst Günther. Por volta dos 22 anos, Horst veio a saber da identidade de seus pais naturais, optando por retomar o prenome Sergio. Entrou para o exército da RDA em 194? e, no fim dos anos 50, foi admitido na televisão do Estado, onde desenvolveu múltiplas atividades. Gravou um número incerto de discos, hoje fora de circulação. Morreu de câncer em 12 de setembro de 1981 (BUARQUE, 2014, p. 227).

A descoberta sobre a existência de um irmão de origem alemã, serviu de base para que Chico Buarque escrevesse, em 2014, o romance *O Irmão Alemão*. Nele, Chico Buarque cria uma memória a respeito do irmão que nunca conheceu pessoalmente. Em nota ao final do livro, ele agradece ao empenho do historiador João Klug e do museólogo Dieter Lange, com os quais teve contato por intermédio de Luiz Schwarcz

³² DA MATA, 2016.

³³ FELDMAN, 2016.

³⁴ FELDMAN, 2016; SANCHES, 2019.

e Sidney Chalhoub na busca sobre informações a respeito de Sérgio Günther, o que lhe proporcionou conhecer, em 2013, membros da família de seu falecido irmão.³⁵

O período em que Sérgio chega à capital alemã é de fortes instabilidades políticas e sociais. Com a instalação da República de Weimar, logo após o final da Grande Guerra (1914-1918), a Alemanha experimentou um período de pouco mais de uma década de uma república de caráter parlamentarista-presidencialista. Segundo Moraes, “a República de Weimar é em geral periodizada tendo por base o par crise-estabilidade. Assim, ela é dividida em dois períodos de crise (1918-1924 e 1929-1933), e um período intermediário de estabilidade (1924-1929)” (MORAES, 2018, p. 118-119).

Partindo para Berlim em 17 de junho de 1929, Sérgio Buarque de Holanda chegou à capital alemã justamente no início do segundo período de crise da República de Weimar, marcada pela ascensão do nazismo dentro das estruturas políticas da república parlamentarista-presidencialista, e dos impactos da Quebra da Bolsa de Nova Iorque, também ocorrida em 1929, sobre a economia e a sociedade alemão de então. Segundo Moraes,

Ainda no ano de 1929, duas oportunidades oferecidas pela conjuntura permitiram ao NSDAP³⁶ ampliar sua exposição pública e alterar a sua posição: por um lado, a ampliação dos vínculos do NSDAP com os conservadores e, por outro, a conjuntura de crise econômica mundial.

A primeira oportunidade foi aberta pela adoção pela Alemanha do Plano Young em junho de 1929. Trata-se de um novo acordo sobre o pagamento das reparações previstas pelo Tratado de Versailles, resultado do esforço do Ministro das Relações Exteriores Gustav Stresemann para rever as condições de pagamento de reparações estabelecidas pelo Plano Dawes.

O plano abre para a oposição de direita e de extrema esquerda, a possibilidade, mais uma vez, para desgastar a república por meio do Tratado de Versailles. As reações a este segundo plano começaram tímidas, tendo a frente o KPD e o DNVP. Mas, para os nazistas, a luta contra o plano traz benefícios de longo alcance. Graças ao novo líder antirrepublicano dos nacional-alemães, Alfred Hugenberg, os nazistas são "convidados" a cooperar com uma campanha nacional contra o plano, que reuniria o nacionalismo ultraconservador, monarquistas e figuras proeminentes da burguesia industrial (MORAES, 2018, p. 127).

³⁵ BUARQUE, 2014, p. 219.

³⁶ NSDAP - Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei, nome e sigla pelos quais ficou conhecido o Partido Nazista, a partir de 1921. O partido fora fundado em 1919 como Deutsche Arbeiterpartei, em Munique, capital da Baviera.

Além do Plano Young, que foi a primeira oportunidade para o crescimento do NSDAP dentro da política da República de Weimar, também

[...] a crise aberta pela quebra da bolsa de Nova York em 1929 atinge a Alemanha entre fins de 1929 e princípios de 1930. A crise representou para a Alemanha não somente a interrupção abrupta da entrada, mas também a retirada dos capitais que possibilitaram a relativa estabilidade econômica do país. Com ela vieram uma recessão econômica aguda e uma crise social sem paralelo.

Até setembro de 1930 o número de desempregados saltou de 1,3 para 3 milhões. Um ano mais tarde eram 5,1 milhões e em princípios de 1933 a fronteira dos seis milhões de desempregados foi ultrapassada (MORAES, 2018, p. 128).

Curioso notar que, mesmo frente a todo esse quadro de instabilidade política, econômica e social que dominava a Alemanha em finais da década de 1920 e início da seguinte, pouco disso fora mencionado por Sérgio Buarque de Holanda em seus escritos berlinenses. Durante seu período na Alemanha, foram publicados mensalmente textos em *O Jornal*, entre agosto de 1929 e novembro de 1930, dentre os 26 textos escritos por Sérgio Buarque de Holanda organizados por Francisco de Assis Barbosa (1989), apenas quatro fazem menção ao contexto de crise política, social e econômica que passava a Alemanha daquele período.³⁷

Sérgio pós-Berlim (1931-1982)

Depois de cerca de um ano e meio, retornou Sérgio Buarque de Holanda ao Brasil, chegando no Rio de Janeiro em 13 de janeiro de 1931. Em sua bagagem trazia o “embrião” de *Raízes do Brasil*, o qual havia escrito durante sua estadia na Alemanha, segundo o próprio

[...] trouxe comigo um velho caderno de notas de umas 400 páginas para um livro que tencionava fosse chamado de *Teoria da América*. Nunca o publiquei, mas dois capítulos do que finalmente (em 1936) veio a ser *Raízes do Brasil* foram extraídos, quase intactos, daquelas páginas desordenadas (GRAHAM, 1982, p. 1176).

Sérgio Buarque de Holanda deu continuidade à sua atuação no jornalismo, chegando a diretor da sucursal, em terras cariocas, do *Jornal de Minas*, fundado por Virgílio de

³⁷ BARBOSA, 1986, p. 236-261.

Mello Franco e Afonso Arinos. No mesmo ano de 1931, publicou o conto “Viagem à Nápoles”, que escrevera ainda em terras alemãs, reescrevera durante a viagem de volta ao Brasil, e pelo qual ainda demonstrava grande insatisfação, como podemos ler na carta escrita a seu amigo Mário de Andrade:

Vai aí a colaboração prometida para a Revista Nova. Não sei se agradará, mas é o que posso mandar no momento. A mim, na verdade, não me satisfaz muito esse exercício de ficção, salvo a sua parte final. Foi composto em Berlim em fins do ano atrasado. Refi-lo depois, linha por linha, durante a viagem de volta e aqui no Rio (MONTEIRO, 2012, p. 99).

Nessa carta, vemos claramente uma postura adotada por Sérgio Buarque de Holanda em relação a seu livro *Raízes do Brasil*. Publicado em 1936, o livro foi revisitado, revisado e reescrito por diversas vezes, com um total de quatro revisões feitas pelo próprio autor, em um intervalo de 33 anos. Ao longo desse processo de reescrita do livro, como já ressaltamos anteriormente, trechos foram completamente excluídos, em um processo de manipulação da memória em torno de Sérgio Buarque de Holanda e sua obra *princeps*. Curioso observarmos que livros posteriores, como *Caminhos e Fronteiras*, *Monções* e *Visão do Paraíso* não passaram pelo mesmo processo de revisão e reescrita.

Um ano antes da publicação de *Raízes do Brasil*, 1935, Sérgio publicou o texto “Corpo e Alma do Brasil: ensaio de psicologia social”, originalmente na *Revista Espelho*, no mês de março. Nesse texto, Sérgio antecipa, como veremos mais a frente, algumas questões que posteriormente foram tratadas e desenvolvidas de maneira mais profunda, em seu texto *Raízes do Brasil*, publicado pela livraria José Olympio, como obra inaugural da “Coleção Documentos Brasileiros”.

Lançada na segunda metade da década de 1930, essa coleção propunha trazer ao público uma análise do Brasil, para entender diversos aspectos da formação e da organização da sociedade brasileira. Na primeira fase da coleção, Gilberto Freyre, já colhendo os frutos da fama e do destaque atingido por sua obra *Casa-Grande & Senzala*, era o curador. Freyre havia escolhido a obra de Sérgio Buarque de Holanda como aquela a inaugurar a coleção. Logo nos primeiros parágrafos do prefácio da coleção, Freyre faz grandes elogios a Buarque de Holanda. Em suas palavras, Sérgio Buarque de Holanda era “(...) uma daquelas inteligências brasileiras em que melhor se exprimem não só o desejo como a capacidade de analisar, o gosto de interpretar,

a alegria intelectual de esclarecer” (FREYRE [1936] *In* HOLANDA, 2016, p. 341). Em edições posteriores revisadas por Sérgio Buarque de Holanda, o prefácio de Gilberto Freyre foi excluído, conforme mencionamos anteriormente.

No mesmo ano de publicação de *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda casou-se com Maria Amélia de Carvalho Cesário Alvim. Casados por quase cinco décadas, tiveram ao todo sete filhos: Heloísa Maria (Miúcha), Sérgio, Álvaro, Francisco Buarque (Chico Buarque), Maria do Carmo, Ana de Hollanda, Cristina Buarque.

Somou-se, em 1936, a publicação de *Raízes do Brasil* e o casamento com Maria Amélia, o convite para trabalhar como professor na Universidade do Distrito Federal, que havia sido inaugurada há pouco, dentro de um projeto capitaneado por Anísio Teixeira, então Secretário de Educação do Distrito Federal. Desse projeto fizeram parte outros importantes nomes da intelectualidade brasileira da década de 1930. A respeito disso, Rafael Pereira da Silva relata:

Na época em que publicou *Raízes*, Sérgio havia sido convidado para trabalhar como professor na recém-inaugurada e efêmera Universidade do Distrito Federal – UDF, idealizada pelo Secretário de Educação do Distrito Federal, Anísio Teixeira. O convite foi concretizado por seu amigo e padrinho de casamento, ao lado de Rodrigo Mello Franco Andrade, Prudente de Moraes, neto, então diretor da Faculdade de Filosofia e Letras. Mello Franco, na mesma época, em 1937, assumiu a direção do recém-criado Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-SPHAN, concebido por Mário de Andrade. Na UDF, Sérgio teria como companheiros de prática docente o mineiro **Afonso Arinos de Melo Franco**, amigo de Sérgio desde os tempos da Faculdade de Direito, **Manuel Bandeira**, **Mário de Andrade**, **Gilberto Freyre**, entre outros (SILVA, 2016, p. 104) (GRIFOS NOSSOS).

A Universidade do Distrito Federal teve curta duração, sendo fechada em 1939. Seus antigos professores foram realocados em diferentes órgãos do funcionalismo do Estado Novo, sendo Sérgio transferido para o Instituto Nacional do Livro, INL. A passagem de Sérgio pelo INL foi de grande importância para sua formação intelectual, inclusive com desdobramentos em obras posteriores como *Monções* (1945) e *Caminhos e Fronteiras* (1957). Segundo Thiago Nicodemo, nesse período

[...] Sérgio se aproximou de Lewis Hanke, diretor da Hispanic Foundation e ligada à Library of Congress. Foi através dessa ligação que viajou aos Estados Unidos em 1941 em nome do próprio Instituto, conferindo palestras no Wyoming, e participando de um debate na Universidade de Chicago. Também realizou pesquisa na Library of Congress e ainda passou por Nova Iorque. Não seria exagerado afirmar que a colaboração com o contexto intelectual norte-americano contribuiu para despertar o interesse na pesquisa que produziu as obras *Monções* (1945) e, posteriormente, *Caminhos e Fronteiras* (1957) (NICODEMO, 2012, p. 113).

Em 1943, Sérgio foi transferido para a Biblioteca Nacional, tornando-se diretor da Divisão de Consulta da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, cargo que ocupou até 1946. A respeito desse período, Marcos Costa destaca o ano de 1945 como fundamental para Sérgio Buarque de Holanda, levando inclusive ao seu retorno às terras paulistas em 1946:

O ano de 1945 foi decisivo fundou a esquerda democrática, que mais tarde se tornaria o Partido Socialista e participou do I Congresso de Escritores, realizado em São Paulo, onde foi eleito presidente da seção do Distrito Federal da Associação Brasileira de Escritores. Na ocasião do Congresso em São Paulo, Sérgio Buarque de Holanda foi um dos redatores e um dos primeiros signatários da famosa *Declaração de Princípios*, lida nas escadarias do Teatro Municipal e que se configurou num manifesto a favor da liberdade de expressão e contra a ditadura Vargas (COSTA, 2007, P. 75).

Em 1945, durante a estadia em São Paulo por ocasião do “I Congresso de Escritores”, Sérgio Buarque veio a conhecer Antonio Candido, com o qual manteve uma forte amizade ao longo de todo o restante a sua vida. Também em 1945, conforme já citado anteriormente, Sérgio Buarque de Holanda veio a publicar o livro *Monções*.

A respeito da participação de Sérgio Buarque de Holanda na resistência ao Estado Novo, deve-se ter em mente o que é lembrado por Rafael Pereira da Silva,

[...] afirmar um papel decisivo de “Sérgio Buarque de Holanda na resistência ao Estado Novo”, sobretudo na sua fase final, como é atestado, pode soar pouco exagerado. É atribuir a ele uma supervalorização dentro de um movimento coletivo e heterogêneo. É ainda, desvencilhar sua trajetória intelectual do aparelho do estado, o qual serviu até então, por meio de redes de sociabilidade e apadrinhamentos que lhe garantiam postos de trabalho, viagens oficiais ao exterior e tempo de pesquisa, sem que tivesse preocupação com perseguições políticas ou mesmo com o exílio, tal como ocorreram a Graciliano Ramos, Paulo Duarte, Caio Prado Júnior, entre outros (SILVA, 2016, p. 120).

No ano de 1946, devido ao falecimento de Afonso de Taunay, Sérgio Buarque de Holanda foi nomeado diretor do Museu Paulista pelo então interventor federal de São

Paulo, José Carlos Macedo Soares, cargo que ocupara por uma década. Porém, sua estadia em São Paulo estendeu-se até o final de sua vida, no ano de 1982.

Após a publicação de *Monções*, ao longo de 1948, Sérgio Buarque de Holanda publicou uma série de artigos intitulados “A Pré-História das Bandeiras” no jornal *O Estado de São Paulo*. Esses artigos deram origem ao livro *O Extremo Oeste*, que veio a ser publicado postumamente, em 1986³⁸.

Em 1948 veio a ser publicada, também, a segunda edição de *Raízes do Brasil*, revista e ampliada pelo autor. Essa edição, como já abordamos anteriormente, foi caracterizada por trazer uma série de alterações profundas, com diversas exclusões que buscavam suprimir quaisquer traços de influência do conservadorismo e do irracionalismo com os quais Sérgio Buarque de Holanda viera a ter contato e que estiveram presentes na primeira edição, de 1936.

O ano de 1949 levou Sérgio Buarque de Holanda de volta à Europa, anos após a Segunda Guerra Mundial. Sobre isso, Costa diz

A preocupação maior que se tinha era com o fortalecimento da democracia no mundo e é nesse espírito que em 1949 a UNESCO, um dos organismos criados pela ONU, reuniu vários intelectuais de diversos países para debater e tentar encontrar caminhos para o desenvolvimento – onde não houvesse – e para o fortalecimento – onde a guerra havia abalado – de sociedades mais democráticas.

Do Brasil o representante foi Sérgio Buarque de Holanda, de modo que o ano de 1949 marca o seu retorno para a Europa para participar de tão importante projeto: o comitê, composto por representantes de oito países, organizado com objetivo de discutir o conceito de democracia. (COSTA, 2007, p. 118)

Os primeiros anos da década de 1950 foram marcados por constantes viagens de Sérgio Buarque de Holanda ao exterior, participando do “I Colloquium de Estudos Luso-Brasileiros”, realizado em Washington. No ano de 1952, assumiu a cadeira de Estudos Brasileiros, na Universidade de Roma. Segundo Costa,

O mais importante desse período, porém, é que no tempo em que esteve na Itália, pôde se dedicar inteiramente aos estudos históricos e à pesquisa nos privilegiados arquivos europeus, de onde traria uma vasta gama de fontes para suas pesquisas posteriores (COSTA, 2007, p. 128).

³⁸ COSTA, 2007, p. 88.

No ano de 1956, Sérgio Buarque de Holanda assumiu interinamente a cadeira de História da Civilização Brasileira, na Universidade de São Paulo. Em 1958, foi efetivado em concurso que deu origem a sua obra *Visão do Paraíso*, publicada no mesmo ano. No período em que foi professor da USP,

Sérgio Buarque deixou, após treze anos de docência, duas importantes contribuições: a coordenação do projeto editorial da “História Geral da Civilização Brasileira” – HGCB, criado nos mesmos moldes das coleções “História Geral das Civilizações” (1960-1972), dirigida por Maurice Crouzet e “História Geral das Ciências”, de René Taton, e a efetivação do Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, em 1962 (SILVA, 2016, p. 153).

Sobre a coleção *História Geral da Civilização Brasileira*, Sérgio dedicou-se com afinco à sua escrita e publicação, sendo responsável pela organização da primeira fase da coleção, entre os anos de 1960 e 1972.³⁹

Em 1969, Sérgio Buarque de Holanda aposentou-se. Segundo Silva,

Após 13 anos de atividades ininterruptas na USP, entre aulas, orientações, publicações e a continuação de suas pesquisas, Sérgio Buarque se aposenta em 1969, obtendo mais tempo livre para se dedicar a novas pesquisas, a escrita de alguns prefácios e sobretudo às suas viagens (SILVA, 2016, p. 157).

Após a aposentadoria, e já com quase 70 anos, a boemia, característica marcante de Sérgio Buarque de Holanda, permaneceu. Segundo Rafael Pereira da Silva,

Mesmo aposentado, Sérgio Buarque de Holanda não deixou de ter uma vida social intensa. Continuou trabalhando e sua casa na rua Buri 35, no bairro do Pacaembú, em São Paulo, não raro era endereço para o qual se deslocavam ex-alunos, jovens pesquisadores, amigos próximos, amigos dos amigos, amigos dos filhos e jornalistas em busca de boas entrevistas. Era também um local de muitas festas e um reduto em que o historiador, quando não estava em viagens, passava um bocado de tempo ao lado dos filhos e netos (SILVA, 2016, p. 166).

Em 1979, Sérgio Buarque publica aquele que viria a ser o seu último livro em vida, *Tentativas de Mitologia*, formado por uma coletânea de artigos publicados ao longo da década de 1950 em diversos jornais. Segundo o próprio Sérgio Buarque,

³⁹ Houve um breve hiato na publicação da Coleção a partir de 1972, que foi retomada em 1975, passando a ser coordenada por Boris Fausto – responsável pelo Tomo III “O Brasil Republicano” – até o ano de 1984, quando veio a ser encerrada.

[...] os escritos aqui publicados provêm basicamente de trabalhos de crítica saídos em primeira mão no *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, e na *Folha de São Paulo*, finalmente no *Diário Carioca*, aproximadamente até 1952. Entretanto julguei apropriado acrescentar-lhes no presente volume, dois outros trabalhos que, saídos independentemente das minhas atividades regulares como crítico dos jornais citados, têm laços de afinidade com alguns, insertos nesta obra. São eles os trabalhos intitulados “Árcades e Românticos”, saído de *O Estado de São Paulo*, a 20 de outubro de 1956, e “Da Alva Dinamene à Moura Encantada”, impresso igualmente em *O Estado*, nos números de 24 de novembro e 1 de dezembro do dito ano (HOLANDA, 1979, p. 34-35).

Em 1980, cerca de dois anos antes de sua morte, Sérgio Buarque de Holanda esteve presente no Colégio Sion, quando fora fundado o Partido dos Trabalhadores (PT). Segundo Luiz Dulci, ex-presidente nacional do PT,

Estava lá, no Colégio Sion, em 10 de fevereiro de 1980, naquela inesquecível assembléia de líderes operários e camponeses, de sindicalistas e intelectuais, de padres e artistas, de exilados que acabavam de regressar ao Brasil e de companheiros recém-saídos da clandestinidade. Sérgio Buarque estava lá, ao lado de Lula, de Olívio Dutra, de Manoel da Conceição, de Apolonio de Carvalho, de tantos de nós, vindos dos quatro cantos do país para fundar o PT (DULCI, 1988, p. 89).

Em 24 de abril de 1982, antes de conseguir ver a democracia ser restabelecida no Brasil, Sérgio Buarque de Holanda veio a falecer por complicações pulmonares, possivelmente vitimado por um de seus fiéis companheiros, o cigarro.

Por meio dessa trajetória, é possível perceber o processo de construção de um imaginário e de uma identidade em torno de Sérgio Buarque de Holanda. Nascido em São Paulo, em 1902, passou toda a sua infância e adolescência em terras paulistas, até que em 1921, mudou-se para a capital federal. Foi contemporâneo da efervescência do modernismo brasileiro e esteve em contato direto com muitas das mudanças políticas, econômicas e sociais pelas quais o Brasil passou. Se isso não fosse pouco, mudou-se para a Alemanha durante o período entreguerras, de crescimento do nacionalismo e das ideias nazifascistas por toda a Europa, vivenciando as instabilidades políticas, econômicas e sociais do fim da República de Weimar. Retornando ao Brasil, publicou *Raízes do Brasil*, em 1936 e, durante o Estado Novo (1937-1945), deu início a seu trabalho em órgãos públicos, participando da organização da Universidade do Distrito Federal e depois de outros órgãos. Durante esse período, fez viagem aos Estados Unidos da América. Teve uma postura crítica ao Estado Novo, junto a outros intelectuais da época. Retornou a São Paulo no final

da década de 1940 e, durante a década de 1950, retornou à Europa, mais precisamente à Itália. Retornando da Itália, em meados da década de 1950, entrou na USP, encerrando suas atividades de docente em 1969, aposentando-se. Continuou com vida social e intelectual ativa, fazendo de sua casa um centro de encontros da intelectualidade paulista da época. Em sua maturidade intelectual e sociopolítica, como ativista da esquerda, se posicionou crítico a ditaduras, como o Estado Novo (1937-1945) e a Ditadura Militar (1964-1985), o que refletiu no processo de reescrita de sua obra inaugural ao longo dos anos.

É fundamental atentarmos para o alerta feito por Caio Prado Jr., contemporâneo de Sérgio Buarque de Holanda:

O homem é simultaneamente objeto e sujeito do conhecimento; objeto, como participante dos fatos que são “objeto” de conhecimento ou das ciências sociais; sujeito do conhecimento como indivíduo observador e analista daqueles fatos (PRADO JR., 1957, p. 13).

As obras de Sérgio Buarque de Holanda são fundamentais para o entendimento da formação da sociedade brasileira, e presença praticamente obrigatória em bibliografias de cursos de História e Ciências Sociais no país, com importância tamanha, que elas são alvo de grande e intensa análise ao longo dos anos. Com diferentes tipos de abordagens, desde laudatórias até mais críticas, Sérgio Buarque e, principalmente, sua obra *Raízes do Brasil*, são analisados de maneira intensa e recorrente ao longo de décadas, com uma ampla fortuna crítica.

A respeito da recepção de *Raízes do Brasil* no mercado editorial, o livro teve apenas 5 edições até a sua “edição definitiva”, publicada em 1969, um intervalo de 33 anos entre a primeira e a quinta edição. Foi apenas a partir da publicação de sua quinta edição que *Raízes do Brasil*, segundo Vainfas, “deslanchou” (VAINFAS, 2016, p. 21). Ainda sobre a recepção do livro, Pedro Meira Monteiro e Lilia Moritz Schwarcz, destacam:

Depois da edição “definitiva” de 1969, [...], ele [o livro] teria ainda diversas edições pela José Olympio, até que a Companhia das Letras o incorporasse ao seu catálogo, em 31 de março de 1995. Desde então, e até o início de 2016, foram vendidos mais de 250 mil exemplares em duas edições, com 43 reimpressões, além da edição comemorativa dos setenta anos, organizada por Ricardo Benzaquen de Araújo e Lilia Moritz Schwarcz em 2006, e cujos 9 mil exemplares esgotaram-se rapidamente. Mais de 250 mil exemplares em vinte anos, portanto, num país onde uma obra acadêmica raramente vende mais de 3 mil cópias, e que é considerada um grande sucesso quando atinge a vendagem de 9 mil exemplares (MONTEIRO; SCHWARCZ, 2016., p. 23-24).

Além das 27 edições publicadas em território nacional, *Raízes do Brasil* teve também uma importante repercussão internacional, vindo a ser publicado no Japão (3 edições), Itália (2 edições), Alemanha (2 edições), Espanha, China, Albânia, Inglaterra (1 edição cada)⁴⁰.

No mais, cremos que os dados aqui apresentados por si só são suficientes para demonstrar a importância de Sérgio Buarque de Holanda e de sua obra *Raízes do Brasil*, enquanto intérprete e interpretação do Brasil.

⁴⁰ Cronologia de *Raízes do Brasil*. In: MONTEIRO; SCHWARCZ, 2016, p. 479-485.

CAPÍTULO II

SOBRE O “SOLO” DE RAÍZES DO BRASIL

“Modernismo significou, mais que tudo, ruptura
com o formalismo das tradições mais antigas”

(Sérgio Buarque de Holanda)⁴¹

Modernismo em *Raízes do Brasil*

Ocorrida em fevereiro de 1922, a Semana de Arte Moderna completou seu centenário há pouco mais de um ano. Ao longo das décadas posteriores a ela, muito se discutiu a respeito de todo o imaginário em torno desse movimento e de suas contribuições – ou não – para a formação e construção de uma identidade de Brasil e do brasileiro. Dentro desse contexto, Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) apresenta grande destaque, tendo contribuições e relações dentro do movimento modernista, as quais serão abordadas por nós ao longo deste capítulo.

O movimento modernista, que teve como culminância a Semana de Arte Moderna de 1922, ocorrida em São Paulo entre 15 e 19 de fevereiro, surge dentro de um contexto de grandes transformações e de um “pensar” a respeito da identidade de Brasil e do brasileiro em construção, até então, às vésperas do centenário da independência. Com a República recém-proclamada há pouco mais de três décadas, a própria sociedade passava por inúmeras transformações em suas estruturas política, social, econômica e cultural.

Durante sua história colonial, imperial e princípio do período republicano, o Brasil foi caracterizado como essencialmente rural, com forte presença e influência das grandes lavouras açucareiras (período colonial) e com o plantio extensivo de café (período imperial, principalmente o Segundo Reinado, e início do período republicano). Ao longo do século XVIII, observa-se uma proto-urbanização próxima às áreas de mineração na então capitania das Minas Gerais (em especial da região das atuais

⁴¹ GRAHAM, 1982, p. 1180

idades de Ouro Preto e Mariana-MG), além de pequenas vilas em capitâneas do nordeste e sudeste. Contudo, essa urbanização ainda se encontrava em uma primeira fase, sendo aquilo que é chamado de urbanização pretérita, ainda incipiente e ocorrendo de maneira desordenada. Nos dizeres de Milton Santos,

(...) tratava-se muito mais da geração de cidades do que de um processo de urbanização. Subordinado a uma economia natural, as relações entre os lugares eram fracas, inconstantes, num país com tão grandes dimensões territoriais (SANTOS, 1993, pp. 19-20).

No início do século XX, podemos observar uma aceleração no processo de urbanização, com a reorganização do espaço urbano, políticas higienizadoras e o deslocamento de camadas pobres para áreas periféricas, o que culminou com a eclosão de revoltas civis, como a Revolta da Vacina. Ainda, o processo de industrialização e a imigração europeia no Brasil, intensificada a partir do final do século XIX e primeiras décadas do século XX, o que contribuiu para transformações de ordem política e social, devido ao crescimento dos espaços urbanos,⁴² e a formação de uma classe operária. Somam-se, ainda, as crises econômicas que vinham desde os primeiros anos da República (como a “Crise do Encilhamento”), e que traziam instabilidades inúmeras.

Especificamente sobre São Paulo, Evando Nascimento destaca que,

(...) encontravam-se, já na primeira década do século [XX], a cidade e o estado de São Paulo em plena transformação. Seja pelo grande fluxo imigratório europeu, derivado da necessidade de cobrir a demanda de mão de obra no setor agrícola, seja pela industrialização incipiente permitida pelo acúmulo de capital dessa mesma agricultura, São Paulo se destacava do resto do país, inclusive da Capital Federal, na época, o Rio de Janeiro. Seu alto grau de transformação econômica implicava outro tanto de alteração no plano social, com o advento da burguesia industrial, do proletariado a ela vinculado e das classes médias em formação (NASCIMENTO, 2015, p. 379).

E é nesse contexto de grandes alterações e reorganizações sociais, econômicas, políticas que ocorre a Semana de Arte Moderna, em 1922. Posteriormente nomeado

⁴² Não podemos deixar de ressaltar, porém, que apenas entre as décadas de 1960 e 1970, a população urbana ultrapassou a rural, no Brasil (SANTOS, 1993, p. 20).

“modernista”, o movimento sofre forte influência do “Manifesto futurista”, escrito e publicado no jornal *Le Figaro*, em 1909, pelo intelectual italiano Filippo Tommaso Marinetti. Segundo palavras do próprio,

Até hoje a literatura tem exaltada a imobilidade pensativa, o êxtase e o sono. Queremos exaltar o movimento agressivo, a insônia febril, a velocidade, o salto-mortal, a bofetada e o murro.

(...) lançamos ao mundo este manifesto de violência arrebatadora e incendiária com o qual fundamos nosso futurismo, porque queremos libertar este país de sua fétida gangrena de professores, arqueólogos, cicerones e antiquários (MARINETTI, 1909 apud GONÇALVES, 2012, p. 19).

A relação entre os modernistas paulistas e o futurismo italiano é abordada por Marcos Augusto Gonçalves em seu livro “1922 – A Semana que não terminou”. Segundo Gonçalves,

Os modernistas de São Paulo, em especial Menotti del Picchia e Oswald de Andrade, usavam habitualmente o termo “futurismo”, mas o faziam em sentido elástico, para designar as propostas mais ou menos renovadoras que se opunham às receitas “passadistas” e “acadêmicas”. A polarização *futurismo x passadismo* servia como tática retórica eficaz – mas também simplificadora (GONÇALVES, 2012, p. 20)

Sérgio Buarque de Holanda, participante ativo do Movimento, e que manteve relações diretas com diversos modernistas, tendo inúmeros artigos de crítica literária publicados ao longo da década de 1920, fala a respeito dessa relação entre o futurismo e o movimento modernista paulista em texto publicado em 10 de dezembro de 1921 intitulado “O futurismo paulista” na revista *Fon-Fon*. Segundo o então jovem crítico,

Pode-se dizer sem ênfase que a maior parte das grandes ideias surgidas com o *fin-de-siècle*, algumas um tanto exageradas, outras raramente seguidas, tiveram por ponto de convergência o movimento futurista iniciado com o manifesto de 20 de fevereiro de 1909, publicado no *Figaro* de Paris por Filippo Tommaso Marinetti, natural de Alexandria (HOLANDA, 1988, p. 50).

A seu modo, os modernistas buscavam criar uma identidade própria para o Brasil, mesmo que sob inspiração de pensadores europeus. Segundo Nascimento,

A história do Modernismo começa no ponto em que algumas de suas figuras [intelectuais e artistas] passam a ter contato direto ou indireto com as novas informações artísticas do início do século na Europa e, importando-as para o Brasil, provocam as mais diversas reações no meio cultural (NASCIMENTO, 2015, p. 379).

Sérgio Buarque de Holanda foi um participante ativo do modernismo, ligado diretamente a duas revistas que foram fundamentais no movimento. No princípio da década de 1920, no Rio de Janeiro, foi representante da revista paulista *Klaxon*, considerada a primeira revista modernista. Após o término da revista, em 1923, Sérgio e seu amigo Prudente de Moraes Neto fundaram a revista *Estética*, considerada por Sérgio como uma sucessora da *Klaxon*, porém com curta duração, e apenas 3 números entre os anos de 1924-1925. Essa ligação umbilical de Sérgio Buarque com o modernismo e sua influência sobre os textos escritos pelo autor é evidenciada por Berenice Cavalcante:

Sérgio Buarque, como outros pensadores que estrearam como historiadores na década de 30,⁴³ seria tributário da discussão inaugurada em 1922 e que prosseguiu sob nova inflexão a partir de 1924. Por caminhos diversos seus textos trouxeram para o campo do conhecimento histórico alguns dos traços mais característicos daquele movimento: o distanciamento entre discurso e realidade – marcado do pensamento crítico que se desenvolvera então – e a busca de nossa singularidade no concerto das nações. A face moderna que distinguira essa reflexão revela-se também na acentuada preocupação com o presente e sua relação com o devir. Nesses termos, com o conhecimento histórico, tanto Sérgio Buarque como em larga medida os demais autores mencionados pretendiam não apenas explicar o presente, como pensá-lo em relação ao tempo futuro (CAVALCANTE, 2008. p. 139).

⁴³ Em nota, Berenice Cavalcante cita Caio Prado Jr, Gilberto Freyre e Afonso Arinos de Melo Franco, nessa ordem.

Ainda sobre a relação de Sérgio com o modernismo e como isso se refletiu sem obra *princeps*, segundo Berenice Cavalcante é possível perceber que

O que se revela então é que Sérgio Buarque historiador permanecia sintonizado nas discussões acerca de nossa *brasilidade*. Nesse ponto, sua face modernista é facilmente perceptível, e seu esforço de redescoberta do Brasil evidencia-se na persistente busca de entendimento das razões da especificidade de nosso relacionamento com a modernidade, bem como dos obstáculos que se antepunham à sua realização. Sua atenção concentra-se assim nas tensões entre a persistência das tradições e a mudança histórica (CAVALCANTE, 2008, p. 139-140).

Como modernista que era, Sérgio Buarque de Holanda, assim como outros intelectuais da década de 1920, estava preocupado em compreender o que realmente era o Brasil, o brasileiro e a brasilidade. O próprio Sérgio Buarque, em entrevista a Richard Graham, fala um pouco a respeito dessa relação do modernismo com *Raízes do Brasil*. Ao ser indagado sobre a conexão entre o Modernismo e suas obras históricas, ele responde:

Modernismo significou, mais que tudo, ruptura com o formalismo das tradições mais antigas. Nos estudos de folclores, os modernistas voltaram sua atenção para o interior do Brasil, longe de suas cidades europeizadas. Fazendo dos negros o tema de sua arte, declararam que não apenas os brancos eram brasileiros. Levei estas preocupações para meus trabalhos históricos como para outros. *Raízes do Brasil* foi uma tentativa de fazer algo novo, romper com a glorificação patriótica de heróis do passado, ser crítico. Contra a sugestão de Oliveira Vianna, de que nosso passado e nosso futuro eram arianos, coloquei a herança do índio e do mameluco. Antes do glorificar os bandeirantes, descrevi-os como escravagistas empenhados em ganhar dinheiro no dia-a-dia: enfrentando sofrimentos, sem dúvida, mas comprando, vendendo, comerciando. Eles não pretendiam fundar um império (HOLANDA, 1982, p. 1180-1181).

Nesse trecho da entrevista concedida em 1981, vemos que uma das influências do Modernismo ressaltada por Sérgio Buarque de Holanda em sua obra, é, justamente, a busca em se estabelecer o brasileiro em sua totalidade, para além do branco. Assim como os modernistas, que passaram a dar destaque ao negro e ao mestiço em suas obras de arte – como nas pinturas de Tarsila do Amaral (“A Negra”, de 1923) e de Di Cavalcanti (“Samba”, de 1925), para citar dois exemplos –, Sérgio Buarque de

Holanda e outros autores influenciados pelo modernismo, buscaram compreender o Brasil e o brasileiro dentro de sua pluralidade de origens e cores.

A escolha pelo ensaio

Para além da influência do modernismo, há uma importante semelhança nas obras histórico-sociológicas publicadas entre as décadas de 1920 e 1930, como *Retratos do Brasil* (PRADO, 1928), *Casa-Grande & Senzala* (FREYRE, 1933) e *Raízes do Brasil* (HOLANDA, 1936): a escolha pelo ensaio.

Por ensaio, podemos recorrer ao entendimento de Theodor Adorno, cujas definições são interessantes:

O ensaio não segue as regras do jogo da ciência e da teoria organizadas, segundo as quais, como diz a formulação de Spinoza, a ordem das coisas seria o mesmo que a ordem das ideias. Como a ordem dos conceitos, uma ordem sem lacunas, não equivale ao que existe, o ensaio não almeja uma construção fechada, dedutiva ou indutiva. Ele se revolta sobretudo contra a doutrina, arraigada desde Platão, segundo a qual o mutável e o efêmero não seriam dignos da filosofia; revolta-se contra essa antiga injustiça cometida contra o transitório, pela qual este é novamente condenado no conceito (ADORNO, 2003, p. 25).

Partindo dessa definição, podemos observar que o gênero ensaio não tem a pretensão de ser uma obra que venha a trazer um entendimento fechado, definitivo, a respeito do que está sendo abordado e nele desenvolvido. O ensaio é marcado pelo “mutável e o efêmero”, uma vez que ele vem a se colocar aberto a diálogos, discussões e novas compreensões, como bem nos fala Adorno, páginas a frente:

O ensaio é, ao mesmo tempo, mais aberto e mais fechado do que agradaria ao pensamento tradicional. Mais aberto na medida em que, por sua disposição, ele nega qualquer sistemática, satisfazendo a si mesmo quanto mais rigorosamente sustenta essa negação; [...]; Mas, o ensaio é também mais fechado, porque trabalha enfaticamente na forma de exposição. A consciência da não-identidade entre o modo de exposição e a coisa impõe à exposição um esforço sem limites. (ADORNO, 2003, p. 37)

Dentro do contexto modernista das décadas de 1920 e 1930, nada mais interessante para a intelectualidade do que um gênero que rompesse com os tradicionalismos até então presentes. A preocupação de uma ciência totalizante e definitiva não encontrava espaço no ensaio, que é um tipo textual aberto a diálogos. Isso nos ajuda a entender porque intelectuais ligados ao modernismo, como Paulo Prado (*Retratos do Brasil*, 1928), Gilberto Freyre (*Casa-Grande & Senzala*, 1933) e Sérgio Buarque de Holanda (*Raízes do Brasil*, 1936) escolheram essa forma de escrita para suas obras, no período. O próprio Sérgio Buarque, em entrevista concedida a Richard Graham, conforme já citado, fala a respeito do caráter inovador, de rompimento que existia em *Raízes do Brasil*.⁴⁴

Quando observamos especificamente essa obra, outros trechos de Adorno ao longo de seu texto “Ensaio como forma” nos ajudam a entender, inclusive, a postura de Sérgio Buarque de Holanda ao visitar seu livro inaugural por diversas vezes. Segundo Adorno,

O ensaísta abandona suas próprias e orgulhosas esperanças, que tantas vezes o fizeram crer estar próximo de algo definitivo: afinal, ele nada tem a oferecer além de explicações de poemas dos outros ou, na melhor das hipóteses, de suas próprias ideias. Mas ele se conforma ironicamente a essa pequenez, à eterna pequenez da mais profunda obra do pensamento diante da vida, e ainda a sublinha com sua irônica modéstia (ADORNO, 2003, p. 25).

Dessa passagem, podemos retirar algumas questões curiosas a respeito da obra inaugural, e da “irônica modéstia” de Sérgio Buarque. As revisões constantes da obra, inclusive tendo retirado e alterado tantas partes importantes na segunda edição, nos leva a enxergar em Sérgio a postura ensaística do abandono das “suas próprias e orgulhosas esperanças que tantas vezes o fizeram crer estar próximo de algo definitivo” (ADORNO, 2003, p. 25). As inúmeras revisões, e a decisão por não mais revisar o texto, demonstram que Sérgio Buarque havia escrito e reescrito sua obra consciente de que não era algo definitivo, mas que havia sempre algo mais a ser dito a respeito do Brasil e do brasileiro. Esse pensamento é bem expresso já nas primeiras linhas do prefácio à 2ª edição, publicada em 1948, quando Sérgio Buarque escreve,

⁴⁴ “*Raízes do Brasil* foi uma tentativa de fazer algo novo, romper com a glorificação patriótica de heróis do passado, ser crítico” (HOLANDA, 1982, p. 1180).

Publicado pela primeira vez em 1936, este livro sai consideravelmente modificado na presente versão. Reproduzi-lo em sua forma originária, sem qualquer retoque, seria reeditar opiniões e pensamentos que em muitos pontos deixaram de satisfazer-me. Se por vezes tive o receio de ousar uma revisão verdadeiramente radicado do texto – mais valeria, nesse caso, escrever um livro novo – não hesitei, contudo, em alterá-lo abundantemente aonde pareceu necessário retificar, precisar ou ampliar sua substância (HOLANDA, 2016, p. 347).

Aqui, Sérgio Buarque de Holanda deixa clara uma característica do ensaio conforme afirma Adorno:

A descontinuidade é essencial ao ensaio; seu assunto é sempre um conflito em suspenso. Enquanto concilia os conceitos uns com os outros, conforme as funções que ocupam no paralelogramo de forças dos assuntos em questão, o ensaio recua diante do conceito superior, ao qual o conjunto deveria se subordinar; seu método sabe que é impossível resolver o problema para o qual este conceito superior simula ser a resposta, mas apesar disso também busca uma solução (ADORNO, 2003, p. 35).

Além disso, a própria forma adota por Sérgio Buarque de Holanda ao se apresentar para as pessoas identificando-se apenas como “o pai do Chico” (costume que ele adotou a partir do momento em que Chico Buarque, seu filho, tornou-se famoso), demonstra também uma “irônica modéstia” (destacada por Adorno⁴⁵), ou como bem falamos atualmente, uma “falsa modéstia”. Antes de começar a entrevista concedida a Roberto Garcia, à Revista Manchete, quando professor na *State University of New York*, Sérgio Buarque dispara:

Você não deve perguntar nada a meu respeito. Agora não tenho a menor importância. Sou apenas o pai do Chico. É ele o cartaz da família, vencedor de concursos e mais conhecido, hoje, em nosso país do que todos os historiadores juntos. Estou orgulhoso disso. É um dos meus filhos mais queridos.⁴⁶

A “irônica modéstia” está bem clara nesse trecho. A frase, “sou apenas o pai do Chico” intitula da entrevista concedida em 1966. Porém, logo após afirmar isso, ele deixa bem claro que ser “apenas o pai do Chico” está relacionado a todo o reconhecimento que

⁴⁵ ADORNO, 2003, p. 25

⁴⁶ Entrevista concedida a Revista Manchete, publicada em 11 de maio de 1966. Disponível em <https://www.jobim.org/chico/handle/2010.2/303>. Acesso em 01/10/2023 as 09:08.

seu filho estava tendo no mundo da música, com suas composições, vencendo prêmios, e sendo mais reconhecido do que os historiadores brasileiros. A pergunta que fica no ar é: caso Chico Buarque não viesse a se tornar um compositor renomado, reconhecido e premiado, Sérgio Buarque iria se autonegar “apenas o pai do Chico”?

A escolha pelo ensaio para a escrita de *Raízes do Brasil*, assim como das obras já citadas *Retratos do Brasil* e *Casa-grande & Senzala*, não pode ser vista sem se considerar todo o contexto de transformações as quais estavam sendo vivenciadas por seu autor. Segundo Sanches,

(...) o ensaio como forma de escrita da história nesse período afirmava sua concreção na medida em que possibilitava um amálgama de simultaneidade temporal que caracteriza aquele intermédio, ou melhor, aquela *brecha* deixada por eventos marcados pelo entreguerras, por exemplo. Segundo nossas hipóteses, um sentimento de *coevalness* entre distintas temporalidades – estruturas políticas e institucionais arcaicas coabitando com clima festejado de *belle époque* tropical e, tempos depois, modernismo – bem como a sensação de desordem temporal, representativa da cultura brasileira desde fins do século XIX, porém ainda evidente nas primeiras décadas do XX, requeriam uma forma de escrita que dessa vazão a tal simultaneidade temporal (SANCHES, 2012, p. 211, grifos do autor).

Partindo da influência do contexto vivenciado pelo autor em sua obra, Robert Wegner aborda a questão da subjetividade do ensaísta, ao analisar trecho do post-scriptum” de *Retrato do Brasil*, de Paulo Prado. Segundo Wegner,

(...) além de não ter o objetivo de provar que guarda uma distância do objeto analisado, o ensaísta pode acreditar que sua própria subjetividade pode sugerir um ângulo adequado para a sua iluminação. Ainda mais, em se tratando de um ensaio sobre a nação, ao recorrer à sua experiência particular, o sujeito, de certo modo, continua a tratar do seu tempo, como se tivesse concentrado em si mesmo essências do caráter nacional. Desse modo, somos levados a uma das características centrais de um ensaio, que diz respeito ao fato de que o decifrar da realidade não está na somatória de dados objetivos, mas muito mais na sua multiplicação com elementos da subjetividade de seu ator. Neste sentido, se o ensaio não chega a anular a distinção entre sujeito e objeto, pressupõe uma dialética entre eles.

Nesse sentido, o olhar impregnado de subjetividade, muito ao contrário de se constituir em um obstáculo, estaria a serviço do conhecimento. O conhecimento de uma nacionalidade não seria proporcional ao caráter sistemático e objetivo das informações que se possuíssem a seu respeito, mas a um certo golpe de vista dado pelo autor. (WEGNER, 2006, p. 339)

Por tudo isso, podemos concluir que a escolha do ensaio como a forma do texto das obras escritas pelos autores da década de 1920 e 1930, ligados diretamente ao contexto do Modernismo, atendeu a interesses claros por parte dessa intelectualidade, que buscava romper com a forma academicista que até então dominava os estudos e publicações no Brasil.

A Livraria José Olympio e a Coleção Documentos Brasileiros

Ao falarmos sobre *Raízes do Brasil*, é inevitável abordarmos, mesmo que brevemente, a Livraria José Olympio que publicou em 1936, a primeira edição do livro de Sérgio Buarque de Holanda, obra inaugural da *Coleção Documentos Brasileiros*.

Fundada em 1931, inicialmente na Rua da Quitanda, em São Paulo, ela recebeu o nome de seu fundador, o que, segundo Oliveira (2017),⁴⁷ não era muito comum para a época. Após uma série de aquisições de bibliotecas particulares feitas por seu fundador, publicou em novembro do mesmo ano a tradução feita por José Almeida de Camargo do livro *How to psychoanalyse yourself*, com o título *Conhece-te pela Psicanálise*.

Segundo Gustavo Sorá (2011), a trajetória de José Olympio dentro do mercado editorial é bastante interessante. Nascido em 10 de dezembro de 1902, em uma família de classe média urbana sem grandes recursos financeiros, teve como padrinho de crisma Altino Arantes, importante político paulista, presidente do estado de São Paulo por duas vezes e com ativa atuação na Revolução Constitucionalista de 1932. Arantes era casado com uma parente distante da mãe de José Olympio, o que levou ao seu apadrinhamento.

Em 1917, ao completar 15 anos, José Olympio escreveu ao seu padrinho pedindo emprego na capital. Meses depois, teve retorno sobre o emprego, por meio da carta do coronel Afro Rezende, então chefe da Casa Militar do presidente do Estado. O

⁴⁷ Em nota, Oliveira elenca as principais editoras brasileiras das décadas de 1930 e 1940, como forma de demonstrar sua afirmação a respeito do incomum batismo da Editora José Olympio: "As principais livrarias do Rio de Janeiro durante as décadas de 1930 foram a Civilização Brasileira, Brigueiet-Garnier, Livraria Acadêmica, Paulinas, Livraria Católica, Livraria Schmidt, Kosmos e a José Olympio. Já em 1940, o destaque foi para as livrarias Casa do Livro, Casa do Estudante do Brasil, Agir, Zahar (nesse caso, os irmãos Zahar), Livro Técnico, Vozes, Solider e Francisco Alves" (OLIVEIRA, 2017, nota 1)

emprego era na Casa Garraux, onde foi recebido pelo próprio dono do local, Charles Hildebrand. Começou seus trabalhos na sessão de livros, sob comando do livreiro Jacinto Silva e, pelos trezes anos seguintes, teve uma trajetória ascendente, chegando a ocupar o cargo de gerente livreiro. Permaneceu na Casa Garraux até o ano de 1931, quando fundou sua própria livraria (SORÁ, 2011, p. 51-53).

A trajetória na Garraux foi de fundamental importância para o crescimento de sua livraria, atraindo de lá diversos intelectuais com os quais tivera contato. O deslanchar, contudo, se dá a partir de 1934, quando José Olympio muda-se para a capital federal, Rio de Janeiro, e lá inaugura a *Livraria José Olympio Editora*.

Em pouco tempo, José Olympio tornou-se o maior editor brasileiro, publicando trinta e dois livros em 1934; cinquenta e nove em 1935; e sessenta e seis títulos em 1936⁴⁸. Para o comércio do livro brasileiro dos anos 1930, esses números eram extremamente expressivos, tendo em vista que ainda não tínhamos um mercado editorial consolidado. Em 1961, ao completar trinta anos de funcionamento da editora, a soma das suas publicações chegou as duas mil trezentas e vinte e cinco edições (OLIVEIRA, 2017, p. 91).

Os números trazidos por Oliveira demonstram, sem sombra de dúvidas, que a Livraria José Olympio em pouco tempo se destacava no mercado editorial brasileiro da década de 1930. Segundo Oliveira,

um fator que contribuiu efetivamente para o sucesso da editora de José Olympio e fez com que ela se estruturasse foi o investimento na publicação dos romances de autores brasileiros e das obras que tinha como pretensão compreender e interpretar o Brasil (OLIVEIRA, 2017, p. 92).

Importante ressaltar que a “pretensão [de] compreender e interpretar o Brasil”, não era uma exclusividade da José Olympio. Outras editoras como a Companhia Editora Nacional, cuja *Coleção Brasilianas*, dirigida por Fernando de Azevedo com início em 1932, já trazia esse pensamento. Foi justamente para fazer frente a *Coleção Brasilianas* que José Olympio, em 1936, sob o comando de Gilberto Freyre, lança sua própria *brasiliana*,⁴⁹ a *Coleção Documentos Brasileiros*.

⁴⁸ OLIVEIRA, 2017, p. 91 *apud* VILLAÇA, 2001, p. 78

⁴⁹ De nome de coleção, *brasiliana* tornou-se um termo para definir as obras que tinham como propósito a interpretação, o entendimento do que vinha a ser Brasil. Segundo Oliveira, “as brasilianas se

A respeito das coleções de livros que foram tão comuns entre as décadas de 1930 e 1940, Maro Lara faz importantes ponderações a respeito das intencionalidades em torno de sua organização. Segundo Lara,

Em termos gerais, se pode pensar que as coleções de livros são uma maneira na qual se organizaria o mundo. Deste modo, a escolha das obras e dos autores, a organização e a publicação fazem parte do processo de produção do sentido social. Através do colecionismo se retiraria o objeto de determinado contexto e passaria a atribuir-lhe um novo significado dentro da coleção. De outro lado, possibilitaria a transformação de projetos individuais em projetos coletivos. E efetuaria uma nova classificação dos livros a partir da seleção dos livros que deveria ser publicados e a conjugação entre a abertura para novos autores e a republicação de antigos. (LARA, 2013, p. 132-133).

Raízes do Brasil veio a ser a obra inaugural da *Coleção Documentos Brasileiros*, que teve início em 1936, e fim em 1989. Com 207 obras publicadas ao longo de 53 anos de existência, a *Documentos Brasileiros* se diferenciou das outras brasileiras contemporâneas a ela por apresentar duas características. Segundo Franzini,

a primeira diz respeito a seu caráter “nacional”, uma vez que contemplava tanto representantes do campo intelectual do eixo Rio de Janeiro-São Paulo quanto do Nordeste, enquanto suas congêneres voltavam-se mais para a produção de seus locais de origem [...]; a segunda é o prestígio que adquiriu junto aos círculos letrados da época. (FRANZINI, 2006, p. 14)

Sobre o prestígio, Franzini destaca:

O prestígio da coleção derivava, por um lado, do seu referido caráter nacional, que espelhava a política da editora, em cujo catálogo predominavam temas e autores brasileiros. Por outro, e talvez de modo mais decisivo, do nome da “Casa” (como a editora e sua livraria matriz eram afetuosamente chamadas pelos íntimos) e de seu proprietário, José Olympio Pereira Filho (1902-1990), ambos conquistados com as doses certas de tino comercial e bons relacionamentos pessoais[sic] com autores, críticos e, por último, mas não mesmo importante, personagens de grande influência política, como Filinto Müller e Lourival Fontes, sem contar o próprio presidente Getúlio Vargas. (FRANZINI, 2006, p. 14)

caracterizavam por apresentar ao leitor uma interpretação do passado nacional por meio do diálogo com estudos e prefácios feitos por intelectuais contemporâneos às novas edições” (OLIVEIRA, 2017, p. 95).

Já nas primeiras linhas do prefácio à 1ª edição de *Raízes do Brasil*, intitulado “Documentos Brasileiros”, Gilberto Freyre deixa clara a relação da *Documentos Brasileiros* com o Modernismo e demonstra a variedade de informações e textos que os leitores terão acesso. Segundo Freyre,

A série que hoje se inicia com o trabalho de Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, vem trazer ao movimento intelectual que agita o nosso país, à ânsia de introspecção social que é um dos traços mais vivos da nova inteligência brasileira, uma variedade de material, em grande parte ainda virgem. Desde o inventário à biografia; desde o documento em estado quase bruto à interpretação sociológica em forma de ensaio. (FREYRE, 2016, p. 341)

Gilberto Freyre deixa claras as intenções da José Olympio com sua coleção, que não se trata de uma mera aventura, sem qualquer tipo de planejamento ou organização. Segundo palavras de Freyre,

O editor José Olympio já tem em mãos um grupo de estudos e de inéditos interessantíssimos, que vão aparecer nesta série. Não se trata de uma aventura editorial, mas de uma coleção planejada e organiza com o maior escrúpulo e com todo o vagar, visando corresponder não só às necessidades do estudioso como à curiosidade intelectual de todo brasileiro culto pelas coisas e pelo passado do seu país. (FREYRE, 2016, p. 341-342)

Ao longo do prefácio, que apresentava a coleção *Documentos Brasileiros*, Gilberto Freyre cita toda sorte de documentos e textos que virão a público de maneira inédita em edições vindouras, além dos mais diversos nomes de autores e temas que terão suas obras publicadas ao longo da coleção. Freyre termina o prefácio destacando que,

É com o fim de procurar revelar material tão rico e de um valor tão evidente para a compreensão e a interpretação do nosso passado, dos nossos antecedentes, da nossa vida em seus aspectos atuais mais significativos, que aparece esta coleção (FREYRE, 2016, p. 345)

Freyre, autor pernambucano de renome nos círculos intelectuais brasileiros da época, já colhendo os louros do sucesso de sua obra *Casa-grande & Senzala* (1933), recebeu a missão a convite do próprio José Olympio, de ser o primeiro curador da *Coleção Documentos Brasileiros*. A escolha não era sem motivos. Com nome reconhecido nacional e internacionalmente, tendo feito seus estudos no exterior, e autor de uma obra recente que havia tido sucesso praticamente instantâneo, tratava-se de um nome mais que ideal para cancelar a coleção que se iniciava.

Gilberto Freyre ficou à frente da *Documentos* por um curto período de 3 anos, sendo substituído pelo carioca Octavio Tarquínio de Sousa, em 1939, quando veio a ser publicado o 19º volume da coleção, *Fronteiras do Brasil no Regime Colonial*, de José Carlos de Macedo Soares. Tarquínio de Sousa, com carreira profissional ligada ao serviço público, tinha grande destaque em suas atividades intelectuais, sendo membro do IHGB, colaborador de diversos jornais e revistas no Rio de Janeiro e São Paulo, com dois livros publicados na própria coleção *Documentos Brasileiros*, sendo o seu *História de Dois Golpes de Estado*, o último livro editado sob o comando de Gilberto Freyre, em abril de 1939 (FRANZINI, 2006, p. 120-121).

A *Coleção* permaneceu sob a direção de Tarquínio de Souza por 20 anos, até sua trágica morte em um acidente aéreo, em 1959. Sob sua direção, vieram a ser publicados mais de 80 livros, sendo *Visão do Paraíso*, de Sérgio Buarque de Holanda, o último sob seu comando. Em 1960, o mineiro Afonso Arinos de Melo Franco assumiu a direção da *Coleção*, até seu volume derradeiro, em 1989. Ocupante da Cadeira 25 da Academia Brasileira de Letras, para a qual havia sido eleito em 1958, sucedendo José Lins do Rego,⁵⁰ Arinos de Melo Franco já havia publicado pela *Coleção* duas obras: *O Índio Brasileiro e a Revolução Francesa – As Origens Brasileiras da Teoria da Bondade Natural*, em 1937, ainda sob direção de Gilberto Freyre, e *Um Estadista da República – Afrânio de Melo Franco e seu Tempo*, em 1955, sob a direção de Octávio Tarquínio de Sousa (FRANZINI, 2006, p. 216-219).

⁵⁰ Segundo informações do perfil acadêmico, disponível em <https://www.academia.org.br/academicos/afonso-arinos-de-melo-franco>. Acesso em 01/10/2023, as 18:22.

Com grande importância no cenário editorial brasileiro, a Livraria José Olympio Editora e a *Coleção Documentos Brasileiros* foram peças fundamentais na consolidação das séries de obras que ficaram conhecidas pela alcunha de *brasilianas*, que se tornaram recorrentes no mercado editorial a partir do final da década de 1920, e ao longo das décadas seguintes. Essas obras foram importantes para a compreensão do Brasil e do brasileiro, em um período de grandes transformações nas estruturas políticas, econômicas e sociais.

CAPÍTULO III

AS SEMENTES DE RAÍZES DO BRASIL - INDÍCIOS

“Um clássico é um livro que nunca terminou
de dizer aquilo que tinha pra dizer”

(Ítalo Calvino)⁵¹

***Raízes do Brasil*, a primeira edição**

Assim como outras obras, desde quando publicada, *Raízes do Brasil* passou por algumas revisões. Para ser mais exato, Sérgio Buarque de Holanda revisitou sua obra *princeps* por cinco vezes, fazendo inúmeras alterações, excluindo e incluindo trechos que, muitas vezes, acabaram por mudar o teor da obra em alguns aspectos.

Publicada inicialmente em 1936 – no contexto da Era Vargas, às vésperas da instalação do Estado Novo –, *Raízes* passou por sua primeira – e maior – revisão doze anos mais tarde, em 1948 – apenas três anos após o término do Estado Novo de Getúlio Vargas – vindo a ser publicada a 2ª edição, revista e ampliada (única edição que trouxe o termo “ampliada”⁵²). Em 1956, menos de 10 anos da segunda revisão, veio à luz a 3ª edição – dois anos após o suicídio de Vargas, início dos anos JK. Sete anos depois, em 1963 – em meio as fortes instabilidades do contexto anterior ao Golpe Militar –, a 4ª edição foi publicada e, seis anos mais tarde, em 1969 – pouco depois do acirramento da Ditadura Militar com o Ato Institucional nº 5, mesmo ano em que requisitou aposentadoria da USP – foi publicada a última edição revisada por Sérgio Buarque de Holanda. Como bem nos alertam Pedro Meira Monteiro e Lilia Moritz Schwarcz “[...] Estamos diante de um texto que não descansa, que foi várias vezes revisito, aumentado e recortado por seu autor, sempre em diálogo com seus diferentes contextos de publicação” (MONTEIRO; SCHWARCZ, 2016, p. 11).

⁵¹ CALVINO, 1993, p. 11

⁵² ACUÑA; DIEGO, 2016, p. 30-31.

Ao longo dos mais de 30 anos que separam a primeira da quinta edição de *Raízes do Brasil*, o texto se alterou consideravelmente. Segundo Luiz Feldman,

Ao longo das primeiras edições, Sérgio Buarque alterou tanto a forma quanto o conteúdo de seu livro. De um lado, a abordagem ensaística da obra passou a conviver com um tratamento mais sociológico da realidade brasileira. De outro, o juízo sobre essa realidade tornou-se preponderantemente crítico. Se, de fato, as alterações não chegavam a constituir um livro novo, até pelos importantes vestígios do texto original que remanesciam, seu impacto poderia ser subestimado pela adjetivação usada pelo autor, no prefácio, para qualificar a revisão. Preservados os aspectos exteriores da obra, como suas dimensões ou a divisão de seus capítulos, que não sofreram variações bruscas, a mensagem de *Raízes do Brasil* variou radicalmente (FELDMAN, 2016, p. 58).

Como bem observa Feldman, pode até não se tratar de um livro inteiramente novo. Afinal de contas, o título da obra permanecia o mesmo, a própria estrutura em pouco se modificara, mas a mensagem em si passou por alterações consideráveis. O próprio Sérgio Buarque de Holanda, no prefácio à segunda edição, de 1948, escreve a respeito,

Publicado pela primeira vez em 1936, o livro sai consideravelmente modificado na presente versão. Reproduzi-lo em sua forma originária, sem qualquer retoque, **seria reeditar opiniões e pensamentos que em muitos pontos deixaram de satisfazer-me**. Se por vezes tive o receio de ousar uma revisão verdadeiramente radical do texto – mais valeria, nesse caso, escrever um livro novo – não hesitei, contudo, em **alterá-lo abundantemente onde parece necessário retificar, precisar ou ampliar sua substância** (HOLANDA, [1946], 2016, p. 347) (GRIFOS NOSSOS).

Como é possível observar, segundo o próprio autor as alterações feitas se deveram, ao que tudo indica, a mudanças de pensamento que ele mesmo passara nos últimos anos, afinal, a primeira edição de *Raízes* começara a ser elaborada mentalmente durante tempos berlinenses, quando, como vimos, não havia sequer completado 30 anos e tratava-se ainda de um “garoto” que “só” escrevera para jornais, quando Sérgio Buarque escrevera *Teoria da América*. Já a segunda edição, que passou por sua revisão em algum momento da década de 1940⁵³, era fruto de um outro Sérgio, com

⁵³ Não há uma data muito precisa de quando a segunda edição de *Raízes do Brasil* passou por sua revisão, contudo, o “Prefácio da 2ª Edição”, encontra-se datado e assinado por Sérgio Buarque de Holanda, em junho de 1947.

mais de 40 anos, um homem amadurecido, já casado, pai, com uma rica experiência de passagens por universidades e institutos, e com “Monções” (1945) já no currículo. Tudo isso fez com Sérgio Buarque alterasse de maneira substancial o texto original de sua obra *princeps*, com ele chegando a usar o termo “retificar” para referir às alterações feitas, com uma clara demonstração de que a segunda edição, publicada em 1948, estava, podemos dizer sem receio de exagero, corrigindo percursos da obra original.

De acordo com o trabalho de João Kennedy Eugênio,⁵⁴ foram acrescentadas mais de uma centena de parágrafos na 2ª edição de *Raízes*, além de mais de duzentos parágrafos que sofreram alterações entre a primeira e segunda edição.

Para se ter uma ideia aproximada da revisão empreendida por Sérgio, observe-se que a edição corrente de *Raízes do Brasil* contém 347 parágrafos, enquanto os parágrafos acrescentados (116) mais os retocados (216) na revisão de 1948 chegam a 332 parágrafos. Miúda a porção que ficou intocada da primeira para a segunda edição (EUGENIO, 2010, p. 213).

Tendo em vista todo o exposto até aqui, faz-se necessário reiterar que tomamos por base para a análise de nosso trabalho a primeira edição de *Raízes do Brasil*, publicada em 1936, ou seja, antes de passar pelas inúmeras alterações feitas por seu autor em 1948.

A 1ª edição de *Raízes do Brasil*, especificamente, foi publicada em 1936, como obra inaugural da *Coleção Documentos Brasileiros*, da Livraria José Olympio, na cidade do Rio de Janeiro, então capital federal do Brasil. Essa edição não chegava a 180 páginas, contando notas, e era composta por sete capítulos.

No primeiro capítulo, “Fronteiras da Europa”, Sérgio Buarque de Holanda traça um panorama sobre nossas origens europeias nos países ibéricos, Portugal e Espanha, fazendo uma comparação entre os processos de colonização empreendidos por essas coroas na América. Ao longo do capítulo, o autor se debruça sobre as diferenças presentes nas nações ibéricas em comparação com outras europeias. Ao falar de Portugal e Espanha, Sérgio Buarque afirma que

⁵⁴ Premiada com o Jabuti de 2010, o livro de Kennedy Eugênio encontra-se esgotado, sendo utilizados, desse modo, dados diretamente de sua tese de doutoramento.

A Hespanha e Portugal são, com a Russia e os paizes balticos (e, em certo sentido, muito especial embora, tambem a Inglaterra), um dos territorios-ponte, pelos quaes a Europa se communica com os outros mundos. Assim, elles constituem uma zona fronteiriça, de transição, menos carregada, por isso mesmo, desse europeismo que, não obstante, mantêm como um patrimonio (HOLANDA, 1936, p. 4).

Ao serem tidas como regiões de fronteira e de “territorios-ponte”, Sérgio Buarque atribui uma presença menos marcante do europeu tradicional na formação da sociedade brasileira. Nos parágrafos seguintes, o autor discorre demonstrando os impactos desse caráter de fronteira sobre a formação das próprias sociedades ibéricas e como isso veio a se refletir no empreendimento colonizador capitaneado por elas na América e, conseqüentemente, sobre as sociedades que por aqui se formaram, com sérias dificuldades em seguir regras, e com uma forte presença de individualismo e quase anarquia.

No capítulo seguinte, “Trabalho & Aventura”, Sérgio Buarque já demonstra os reflexos de seu período berlinense em sua obra, e a influência do pensamento weberiano, ao construir os tipos ideias “trabalhador” e “aventureiro”, caracterizando-os e demonstrando como o “aventureiro” foi o tipo predominante no processo de colonização da América. Segundo Sérgio Buarque,

O trabalhador, [...], é aquelle que enxerga primeiro a dificuldade a vencer, não o triumpho a alcançar. O esforço lento, por compensador, e persistente, que no entanto mede as possibilidades de desperdicio e sabe tirar o maximo proveito do insignificante, tem um sentido bem nitido para elle.

[...]

Por outro lado, as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa immediata são enaltecidos pelos aventureiros; as energias que visam estabilidade, paz, segurança pessoal e os esforços sem perspectiva de rapido proveito material passam, ao contrario, por viciosos e desprezíveis para elles. Nada lhes parece mais estúpido e mesquinho do que o ideal do trabalhador (HOLANDA, 1936, p. 21).

Os terceiros e quarto capítulos, intitulados “O Passado Agrario” e “O Passado Agrario (continuação)”, respectivamente, são os que sofreram alteração em seus títulos a partir da segunda edição, vindo a se chamar “Herança Rural” (Capítulo III) e “O semeador e o ladrilhador” (Capítulo IV).⁵⁵

No terceiro capítulo, Sérgio Buarque aborda a vida rural e sua influência na formação e organização da sociedade brasileira ao longo dos tempos. O espaço de vivência do colonizador era o espaço rural, e os centros urbanos eram visitados apenas por ocasião de festividades ou solenidades, ficando muitas vezes as casas dos senhores rurais nas cidades, abandonadas. De acordo com Sérgio Buarque,

No Brasil colonial, [...], as terras dedicadas á lavoura eram a moradia habitual dos grandes. Só affluíam elles aos centros urbanos afim de assistirem aos festejos e solemnidades religiosos ou profanos. Nas cidades apenas residiam alguns funcionarios da administração, officiaes mechanicos e mercadores (HOLANDA, 1936, pp. 51-52).

No capítulo IV, mais uma vez Sérgio Buarque demonstra a influência dos conceitos weberianos em sua obra. A continuar a abordar “O Passado Agrario”, Sérgio Buarque vem a elaborar os tipos ideais do “semeador” e “ladrilhador”,⁵⁶ como ele diferencia o colono português (semeador) do espanhol (ladrilhador). Sérgio Buarque se utiliza das diferenças nas estruturas físicas de espaços coloniais ibéricos na América para diferenciar os colonos portugueses dos espanhóis. Segundo o autor,

⁵⁵ Depois do capítulo II, os capítulos III e IV foram os que tiveram maior inclusão e modificação de parágrafos da primeira para a segunda edição. Segundo levantamento feito por Kennedy Eugênio, o capítulo II teve a adição de 33 parágrafos e modificação em 26 parágrafos, enquanto o capítulo III teve inclusão de 28 parágrafos e modificação em 40 parágrafos (EUGÊNIO, 2010, p. 272-273).

⁵⁶ Apenas na 2ª edição, de 1948, fica mais clara a intenção de Sérgio Buarque em estabelecer esses tipos ideais do “semeador” e “ladrilhador”, com a mudança no título do capítulo e as adições e alterações no conteúdo do texto.

[...] a cidade que os portugueses construíram na América não é producto mental, não chega a contradizer o quadro da natureza, e sua silhueta confunde-se com a alinha da paisagem. [...] As casas eram semeadas com desalinho, em volta de uma igreja toda branca e situada quasi sempre no lugar mais elevado.

[...]

Os hespanhoes, ao contrario, dispõem de uma legislação abundante, que previne, de antemão, toda fantasia e todo arbítrio na edificação dos núcleos urbanos. Os dispositivos das Leis das Índias, que devem reger a fundação das cidades na América, exhibem aquelle mesmo senso burocratico das minucias, que orientava os casuístas do tempo, occupados em enumerar, definir e apreciar os complicados casos de de consciencia, para edificação e governo dos padres confessores (HOLANDA, 1936, pp. 62-63).

No quinto, e mais famoso capítulo, “O homem cordial”, Sérgio Buarque parte do conceito da ideia de Ribeiro Couto para elaborar o tipo ideal que explica o brasileiro, justamente, “o homem cordial”. Ao tratar sobre os impactos do processo de urbanização da sociedade brasileira, tendo em vista o passado colonial na formação dessa sociedade, Sérgio Buarque evoca inúmeras características nossas, para estabelecer o seu próprio conceito. Segundo ele,

O escriptor Ribeiro Couto teve uma expressão feliz, quando disse que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade – daremos ao mundo o “homem cordial”. A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas pelos estrangeiros que nos visitam, formam um aspecto bem definido do character nacional. Seria enganoso suppor que, no caso brasileiro, essas virtudes possam significar “bôas maneiras”, civilidade. São antes de tudo expressões legitimas de um fundo emocional extremamente rico e transbordante (HOLANDA, 1936, p. 101).

No capítulo subsequente, “Novos tempos”, Sérgio Buarque de Holanda, traz sua famosa afirmação sobre a democracia em terras brasileiras e que tanto repercutiu ao longo dos tempos. Ao tratar sobre os impactos e as mudanças que a sociedade brasileira passou ao longo do século XIX, principalmente com a crescente urbanização e com a vinda da Família Real Portuguesa frente aos padrões coloniais e rurais até então predominantes na sociedade brasileira, Sérgio Buarque ratifica,

A democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal-entendido. Uma aristocracia rural e semi-feudal importou-a e tratou de acomodarse como lhe fosse possível ás suas leis, que tinham sido justamente a bandeira de combate da burguesia européa contra os aristocratas, e isso só porque essas leis pareciam as mais acertadas para a época e eram exaltadas nos livros e nos discursos (HOLANDA, 1936, p. 122).

No sétimo e último capítulo, “Nossa revolução”, Sérgio Buarque de Holanda parte dos impactos da Abolição sobre as estruturas de poder até então vigentes na sociedade brasileira, para abordar a ideia de que o Brasil vinha gradativamente passando por um processo revolucionário próprio. Segundo o autor,

A grande revolução brasileira não foi um facto que se pudesse assignalar em um instante preciso; foi antes um processo demorado e que durou pelo menos tres quartos de seculo. Os seus pontos culminantes – a transmissão da família real portuguesa, a independencia politica, a Abolição e a Republica – associam-se como os accidentes diversos de um mesmo systema orographicico (HOLANDA, 1936, p. 136).

Para além de abordar o passado de nosso país, o autor insere em sua obra todos nós como observadores da história que estava a acontecer. De acordo com Sérgio Buarque,

Ainda testemunhamos presentemente, e por certo continuaremos a testemunhar durante largo tempo, as resonancias ultimas do lento cataclysmo, cujo sentido parece ser o do aniquilamento das raizes ibéricas de nossa cultura para a inauguração de um estylo novo, que chrismamos talvez illusoriamente de americano, porque os seus traços se accentuam com maior rapidez em nosso hemispherio (HOLANDA, 1936, p. 137).

Por meio dessa breve resenha, podemos observar que a intenção de Sérgio Buarque de Holanda, em 1936, era buscar compreender o processo de formação da sociedade brasileira na qual ele se inseria enquanto indivíduo brasileiro, para além do intelectual, algo que podemos supor pelo último capítulo, em que o autor insere o próprio leitor na obra.

Por conta das inúmeras alterações entre a primeira e a segunda edições, decidimos por partir da primeira edição para nossa análise. A escolha dessa edição deve-se,

sobretudo, à sua proximidade temporal com os textos os quais consideramos aqui como “sementes de Raízes do Brasil”, que são “Originalidade Literária” (1920), “Lado oposto e outros lados” (1926) e “Corpo e Alma do Brasil” (1935).

As “sementes” de *Raízes do Brasil* e sua presença na obra

Partiremos agora à análise da semeadura feita por Sérgio Buarque de Holanda ao longo de sua produção intelectual para a preparação do solo sobre o qual fez nascer sua obra inaugural, *Raízes do Brasil*. Trazendo uma vasta produção por meio de artigos publicados em jornais entre os anos de 1920 e 1935, Sérgio Buarque aqui e ali deixou sementes de seu pensamento que vieram a germinar e florescer em 1936.

O acesso a esses textos foi facilitado pelo trabalho de importantes pesquisadores como Antonio Arnoni Prado, responsável pela organização dos dois volumes de *O Espírito e a Letra* (1996), que engloba os textos publicados entre 1920-1947 em seu primeiro volume. Assim, temos acesso aos textos “Originalidade Literária”, publicado em 1920, e “O lado oposto e outros lados”, de 1926.⁵⁷

Outro pesquisador que não podemos deixar de mencionar é Marcos Costa, responsável pela organização dos dois volumes de *Sérgio Buarque de Holanda – Escritos Coligidos* (2011). No primeiro volume, que reúne os textos escritos entre os anos de 1920 e 1949, temos acesso ao texto “Corpo e alma do Brasil”, publicado em 1935.

“Originalidade Literária” (1920)

Publicado em 22 de abril de 1920, no jornal *Correio Paulistano*, São Paulo, “Originalidade Literária” foi escrito pelo ainda jovem Sérgio Buarque de Holanda, aos 17 anos. Total desconhecido, afinal era seu primeiro texto, Sérgio Buarque contou com o auxílio de seu pai, Cristóvão, que levou o texto para Afonso de Taunay, seu amigo,

⁵⁷ Esses textos foram publicados, em um primeiro momento, em livro organizado por Francisco de Assis Barbosa, *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda* (1988).

e que havia sido professor de Sérgio nos tempos do Colégio São Bento, como já abordamos anteriormente, e dele chegou ao *Correio Paulistano*.

Publicado 16 anos antes, no artigo de estreia de Sérgio Buarque de Holanda, podemos ver os embriões que, mais de uma década depois, se desenvolveram em sua obra *princeps*. Segundo o jovem Sérgio Buarque, “O povo português, menos idealista e, se quiserem, mais prático que o espanhol, não teve uma impressão tão sutil da natureza do Novo Mundo como aquele” (HOLANDA, 1996, p. 37). Essa diferença entre espanhóis e portugueses é usada de base para explicar as diferenças existentes nas produções literárias no Brasil, em relação àquelas produzidas na América Espanhola.

Lógico que de maneira bastante superficial, quando comparado com *Raízes do Brasil*, pode-se perceber que o jovem Sérgio Buarque já trazia em seu texto a ideia de que portugueses e espanhóis se diferenciavam entre si. Anos mais tarde, em *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque desenvolveu quais as diferenças existentes entre colonizadores portugueses e espanhóis, ao abordar as diferenças nas estruturas físicas presentes no empreendimento colonizador desenvolvido por cada um na América, ou, então, quando discorre sobre os impactos da urbanização, processos de independência e abolição da escravidão no Brasil. Por diversos momentos em *Raízes*, o argumento é construído de maneira comparativa entre portugueses e espanhóis.

Além do exemplo sobre as diferenças nas estruturas de construção e organização dos espaços de moradia na colônia, podemos citar outro trecho de *Raízes* onde é possível perceber a mesma comparação. Ao tratar sobre as diferenças na forma de se lidar com as presenças estrangeiras nas terras coloniais portuguesa e espanhola, Sérgio Buarque conclui, que

Na realidade o exclusivismo dos hespanhoes, que contrasta com a relativa liberdade dos portugueses, constitue uma parte obrigatoria, inalienavel de seu systema. Comprehende-se que, para a legislação castelhana deva ter parecido indesejavel, com prejudicial à disciplina dos súbditos, o trato e o convívio de estrangeiros, em terras de tão recente conquista e de dominio ainda mal assente. A liberdade dos portugueses, em comparação com esse exclusivismo, é antes uma atitude negativa, pouco definida, e que resulta principalmente de sua moral interessada, moral de negociantes. Não importa aos nossos colonizadores que seja frouxa e insegura a disciplina, fóra daquillo em que os freios pudessem melhor aproveitar e immediatamente aos seus interesses (HOLANDA, 1936, p. 81).

Podemos perceber, em “Originalidade Literária”, a primeira semente sendo plantada por Sérgio Buarque de Holanda, ainda aos 17 anos, que viria a germinar mais à frente, em *Raízes do Brasil*, com Sérgio Buarque já quase 34 anos, o dobro da idade.

“O lado oposto e outros lados” (1926)

Sérgio Buarque de Holanda já era conhecido no eixo Rio-São Paulo por conta de sua participação como representante, no Rio de Janeiro, da *Klaxon*, de Mário de Andrade. Posteriormente, fundara com Prudente de Moraes Neto a revista *Estética*, que teve 3 números publicados entre 1924-1925, além de publicações constantes em outros jornais da época. Publicado em 15 de outubro de 1926, na *Revista do Brasil* (SP), “O lado oposto e outros lados” causou um grande incômodo na intelectualidade modernista da época, conforme já abordamos anteriormente.

Contudo, é interessante percebermos que nesse texto publicado uma década antes de *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque direciona críticas para parte da intelectualidade modernista da década de 1920, por conta do “academicismo” que os havia dominado. Mais tarde, em *Raízes*, Holanda vai abordar em tom crítico algo que, aqui, tomamos por semelhante, que é o “bacharelismo”.

No artigo de 1926, ao falar sobre parte da intelectualidade modernista (em especial Graça Aranha, Ronald Carvalho e Renato Almeida), Sérgio Buarque afirma que “O que idealizam [...] é a criação de uma elite de homens, inteligentes e sábios, embora sem grande contato com a terra e com o povo” (HOLANDA, 1996, p. 226). Dez anos depois, em *Raízes*, Sérgio Buarque diz que “as nossas academias diplomam todos os anos centenas de novos bachareis, que só excepcionalmente farão uso, na vida practica, dos ensinamentos recebidos durante o curso” (HOLANDA, 1936, p. 115). A respeito do “bacharelismo”, que tomamos aqui como semelhante ao academicismo por ele mencionado em “Lado oposto e outros lados”, discorre o autor:

De qualquer modo, ainda no vício do bacharelismo ostenta-se também a nossa tendência para exaltar acima de tudo a personalidade individual como um valor próprio e superior a todas as contingências. A dignidade e a importância que confere o título de doutor permitem ao indivíduo atravessar a existência com discreta compostura e, em alguns casos, libertam-n'o da necessidade de uma caça incessante aos bens materiais, que subjuga e humilha a personalidade (HOLANDA, 1936, p. 117)

Outro trecho que é possível estabelecer uma relação entre o artigo, publicado em 1926, e o livro de Sérgio Buarque de Holanda, publicado 10 anos mais tarde, encontra-se justamente na pergunta que ele faz em certo momento do texto, continuando a discorrer a respeito da “elite de homens, inteligentes e sábios”:

Carecemos de uma arte, de uma literatura, de um pensamento enfim, que traduzam um anseio qualquer de construção, dizem. E insistem sobretudo nessa panaceia abominável da *construção*. Porque para eles, por enquanto, nós nos agitamos no caos e nos comprazemos na desordem. **Desordem do quê?** É indispensável essa pergunta, porquanto a ordem perturbada entre nós não é decerto, não pode ser a nossa ordem; há de ser uma coisa fictícia e estranha a nós, uma lei morta, que importamos, senão do outro mundo, pelo menos do Velho Mundo (HOLANDA, 1996, p. 226, GRIFOS MEUS).

Não cremos ser forçoso dizer que a busca pela resposta da pergunta “Desordem do quê?” tenha sido um fator determinante para que Sérgio Buarque viesse, anos mais tarde, a escrever *Raízes do Brasil*. Logo nas primeiras páginas de seu livro Sérgio Buarque busca demonstrar que foi justamente no caos e na desordem que nos formamos enquanto nação, e que essas características não são exclusivamente nossas, mas vieram justamente de nosso passado colonial, da característica fronteira dos povos ibéricos: “[...] territorios-ponte, pelos quaes a Europa se comunica com outros mundos. [...] eles constituem uma zona fronteira, de transição, menos carregada, por isso mesmo, desse europeísmo” (HOLANDA, 1936, p. 4). Segundo Sérgio Buarque,

A' frouxidão da estrutura social, á falta de hierarchia organizada devem-se alguns dos episodios mais singulares da historia das nações hispânicas, incluindo-se nellas Portugal e o Brasil. Os elementos anarchicos sempre fructificaram aqui facilmente, com a cumplicidade ou a indolencia displicente das instituições e costumes.

[...]

A falta de cohesão em nossa vida social não representa, assim, um fenômeno moderno. E é por isso que erram profundamente aquelles que imaginam na volta á tradição, a certa tradição, a unica defeza possivel contra a nossa desordem. Os mandamentos e as ordenações que elaboraram esses eruditos são, em verdade, creações engenhosas do espirito, destacadas do mundo e contrarias a elle. Nossa anarchia, nossa incapacidade de organização solida, não representam a seu ver mais do que uma ausência da unica ordem que lhes parece necessaria e eficaz. Si considerarmos bem, a hierarchia que exaltam é que precisa dessa anarchia para se justificar e ganhar prestigio (HOLANDA, 1936, pp. 6-7).

E, ao longo das quase duzentas páginas seguintes de sua obra *princeps*, Sérgio Buarque de Holanda insistentemente busca responder a pergunta feita em 1926: “Desordem do quê?”.

Corpo e alma do Brasil: ensaio de psicologia social (1935)

Entre todas as sementes aqui abordadas, essa, sem sombra de dúvidas, está mais do que clara em *Raízes do Brasil*. Publicada em março de 1935, na revista *Espelho*, do Rio de Janeiro, “Corpo e alma do Brasil” traz, logo de início, uma diferença clara em relação aos outros dois textos, um subtítulo: “ensaio de psicologia social”. Com isso, Sérgio Buarque já antecipa duas características de sua obra que será publicada um ano depois: a escolha pelo ensaio como forma de texto, e a proposta de se compreender, entre outras questões, a formação mental da sociedade brasileira. Além disso, podemos observar que, diferente das outras sementes, essa divide-se em 12 tópicos: “Psicologia do nosso ‘homem cordial’”, “Origens do estatismo brasileiro”, “Horror ao despotismo e violência”, “Atitude livresca de Alberto Torres”, “Povo de advogados, negação do pragmatismo”, “Complexo de inferioridade e os maus governos”, “Sentimentos se chocam com as construções políticas liberais”, “Contraste entre o ideal humanitário e a realidade”, “O ponto vulnerável da nossa organização social”, “Os intelectuais neurastênicos e o nosso integralismo”, “O personalismo

sempre prevalece às ideias” e “Somos apenas um povo endomingado, uma periferia sem um centro”.

Para além do título e subtítulo, também é possível encontrar no texto de 1936, em específico nos capítulos IV (“Homem cordial”), V (“Novos tempos”) e VI (“Nossa Revolução), trechos completos de “Corpo e alma do Brasil”.

Podemos encontrar os seis primeiros parágrafos do artigo publicado na revista *Espelho em Raízes*, da página 101 até a 106, com a substituição de alguns termos ao longo do texto, conforme a tabela abaixo:⁵⁸

Corpo e alma do Brasil (1935)	Raízes do Brasil (1936)
O sr. Ribeiro Couto teve uma fórmula feliz quando disse que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade – daremos ao mundo o “homem cordial” (p. 59).	O escriptor Ribeiro Couto teve uma expressão feliz, quando disse que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade – daremos ao mundo o “homem cordial” (p. 101).
São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emocional extremamente rico (p. 59).	São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emocional extremamente rico e transbordante (p. 101).
Armado dessa máscara, o individual consegue manter sem dano a sua supremacia sobre o social (p. 60).	Armado dessa máscara, o indivíduo consegue manter sua supremacia ante o social (p. 102).
No “homem cordial” a vida em sociedade é de certo modo uma libertação do verdadeiro pavor que ele sente consigo mesmo, em apoiar-se sobre si próprio em todas as circunstâncias da existência (p. 60).	No “homem cordial”, a vida em sociedade é, de certo modo, uma verdadeira libertação do pavor que elle sente em viver consigo mesmo, em apoiar-se sobre si próprio em todas as circunstancias da existencia (p. 102).
Sua maneira de expansão para com os demais reduz o indivíduo à parcela social, periférica, que no brasileiro -	Sua maneira de expansão para com os outros reduz o indivíduo, cada vez mais , á parcela social, periférica, que no

⁵⁸ Para melhor visualização os termos que sofreram alterações e/ou partes adicionadas encontram-se destacadas nos trechos transcritos constantes na tabela.

<p>como bom americano – é precisamente a que mais importa (p. 60).</p>	<p>brasileiro – como bom americano – tende a ser a que mais importa (p. 102-103).</p>
<p>Nada mais significativo dessa aversão ao ritualismo social, que exige uma personalidade fortemente homogênea e equilibrada em todas as suas partes (...). (p. 60-61)</p>	<p>Nada mais significativo dessa aversão ao ritualismo social, que exige, por vezes, uma personalidade fortemente homogênea e equilibrada em todas as suas partes (...) (p. 103).</p>
<p>Nosso temperamento admite as fórmulas de reverência, e até de bom grado, mas somente enquanto não verem a possibilidade de um convívio mais familiar (p. 61).</p>	<p>Nosso temperamento admite as fórmulas de reverência, e até de bom grado, mas somente enquanto não suprimam de todo a possibilidade de um convívio mais familiar (p. 103).</p>
<p>(...) limito-me a lembrar, por enquanto, que não foi talvez simples casualidade o que fez coincidir a extensão geográfica dessa forma de tratamento com a parte do território brasileiro em que teve maior força a escravidão africana (p. 61).</p>	<p>(...) limite-mo-nos a lembrar, por enquanto, que não foi, talvez, simples casualidade o que fez coincidir a extensão geográfica, entre nós, do uso dessa forma de tratamento com a parte do território brasileiro em que teve maior força a escravidão africana (p. 103).</p>
<p>No domínio da linguística, para citar um exemplo, esse modo de ser peculiar reflete-se admiravelmente. Veja-se, por exemplo, nosso pendor tão acentuado para o emprego de diminutivos (p. 61).</p>	<p>No domínio da linguística, para citar um exemplo, reflecte-se admiravelmente esse modo de ser peculiar. Veja-se nosso pendor tão accentuado para o emprego dos diminutivos (p. 104).</p>
<p>Sabemos quanto é frequente entre portugueses zombarem dessa particularidade de nossa fala (p. 61).</p>	<p>Sabemos como é frequente entre os portugueses zombarem de certos abusos desse nosso pendor para diminutivos (p. 104).</p>

(...) acentuou-se entre nós de modo verdadeiramente abusivo (p. 61).	(...) acentuou-se entre nós de modo verdadeiramente extraordinário (p. 105).
Compreende-se bem o espanto do negociante de Filadelfia citado por André Siegfried em seu livro sobre a América Latina, ao verificar que no Brasil e na Argentina é preciso, para conquistar um cliente , começar por fazer dele um amigo (p. 62).	Imagina-se bem o espanto do negociante de Philadelphia citado pelo escriptor André Siegfried, em seu livro sobre a América Latina, ao verificar que no Brasil, como na Argentina, para conquistar um cliente, é preciso começar por fazer dele um amigo (p. 105).
Gilberto Freyre, que tão bem se ocupou dessa “liturgia antes social que religiosa” e cuja obra representa o ensaio mais sério e mais completo que já se tentou sobre a formação social do Brasil (...) (p. 62).	Gilberto Freyre, que tão bem se ocupou dessa liturgia “antes social que religiosa”, em uma obra que representa o estudo mais sério e mais completo sobre a formação social do Brasil (...) (p. 105).
Essa forma de culto, que tem antecedentes na Península Ibérica e em geral na Europa Medieval [...] (p. 62).	Essa forma de cultura, que tem antecedentes na península ibérica, também aparece na Europa Medieval, e justamente com a decadência da religião palaciana, super-individual, em que a vontade comum se manifesta na edificação dos grandiosos monumentos góticos (...) (p. 106-107).

Ao último parágrafo da página 62, em “Corpo e Alma do Brasil”, é adicionado todo um trecho novo, com mais de 15 linhas inéditas no texto de *Raízes do Brasil*, sendo retomado o argumento apenas no parágrafo seguinte, com algumas alterações entre os textos de 1935 e 1936, conforme vemos abaixo:

Corpo e alma do Brasil (1935)	Raízes do Brasil (1936)
Essa forma de culto, que tem antecedentes na Península Ibérica e em geral na Europa medieval , é uma transposição característica para o domínio religioso [...] onde o espírito do ritualismo invade o terreno da conduta social para dar-lhe mais rigor. No Brasil é o próprio rigorismo do rito que se afrouxa e se humaniza (p. 62-63).	Essa forma de culto – a única que consegue florescer entre nós – representa uma transposição característica para o domínio religioso[...] onde o ritualismo invade o próprio terreno da conducta social para dar-lhe mais rigor. No Brasil é precisamente o rigorismo do rito que se afrouxa e se humaniza (p. 107).

A partir da página 107, até o final do capítulo V de *Raízes do Brasil*, à página 110, são adicionados cinco novos parágrafos, encerrando o capítulo com o último parágrafo do tópico “Psicologia do nosso ‘homem cordial’” de “Corpo e alma do Brasil”, com algumas alterações em relação ao texto de 1935, no início do parágrafo.

Corpo e alma do Brasil (1935)	Raízes do Brasil (1936)
Nossa antipatia instintiva pelas formas ritualísticas pode justificar-se em parte por isso, que no fundo tais formas não nos são necessárias (...) (p. 63).	A antipathia instintiva pelas formas ritualísticas, que vimos notando através das varias esferas de nossa vida social , póde justificar-se em parte por isso, que no fundo taes fórmãs não nos são necessarias (...) (p. 110).

Ao contrário dos trechos constantes no tópico “Psicologia do nosso “homem cordial”, que se encontravam distribuídos ao longo do capítulo “O homem cordial”, praticamente na mesma ordem em que estavam no texto de 1935 e em grande quantidade, os trechos dos demais tópicos do texto “Corpo e alma do Brasil” encontram-se distribuídos de maneira esparsa e em menor quantidade nos capítulos subsequentes de *Raízes do Brasil* – “Novos tempos” e “Nossa revolução”,

respectivamente –, também apresentando alterações ou acréscimos, como podemos observar no levantamento abaixo:⁵⁹

Corpo e alma do Brasil (1935)	Raízes do Brasil (1936)
Pode-se supor que essa aptidão para o social constituísse uma tendência aproveitável para a organização coletiva. É um engano. (p. 63).	Essa aptidão para o social está longe de constituir um fator apreciável de ordem colectiva (p. 113).
Resta-nos o expediente, precário sempre, de confiar na sabedoria política das leis teóricas, acreditando ou fingindo acreditar em sua onipotência (p. 63).	Não é outro, em verdade, o expediente que sempre procurámos aplicar, confiados cegamente na sabedoria e na onipotencia das boas leis (p. 145).
Para nós, ao contrário, é a rigidez e a impermeabilidade e a perfeita homogeneidade da legislação que nos parecem requisitos <i>sine qua non</i> de toda disciplina social. Não recebemos outro recurso. (...) (p. 63-64).	Para nós é ao contrario a rigidez, a impermeabilidade, a perfeita homogeneidade da legislação que nos parecem ser requisito <i>sine qua non</i> de toda disciplina social. Não conhecemos outros recurso (p. 145-146).
A maturidade precoce, o estranho requinte de nosso aparato de Estado, é realmente uma das consequências mais interessantes dessa situação. O conde de Keyserling chegou mesmo a assinalar uma semelhança extrema entre esse aparato de Estado e o da Rússia czarista. [...] Essa impressão foi de tal ordem que Keyserling chegou a imaginar que, tivesse sido a Rússia governada como o Brasil, jamais seu povo se teria rebelado (p. 64).	(...) A maturidade precoce, o extranho requinte de nosso aparelhamento de Estado é uma das consequências mais typicas dessa situação. Um observador perspicaz e imaginoso chegou mesmo a assignalar uma semelhança extrema entre esse aparelhamento de Estado e o da Rússia czarista. [...] Essa impressão foi tão forte que, segundo o mesmo observador, fosse a Rússia governada

⁵⁹ Como forma de demonstrar a aleatoriedade da distribuição dos trechos de “Corpo e alma do Brasil” (1935) nos capítulos “Novos tempos” e “Nossa revolução” de *Raízes do Brasil* (1936), organizaremos a coleta e transcrição dos trechos partindo do texto de 1935.

	como o Brasil e jamais o seu povo se teria rebelado (p. 141-142).
O Estado, entre nós, de fato, não precisa e não deve ser despótico – o despotismo condiz mal com a doçura de nosso gênio -, mas necessita de pujança e de compostura, de grandeza e de solicitude, (...) (p. 64).	O Estado, entre nós, de facto, não precisa e não deve ser despótico – o despotismo condiz mal com a doçura de nosso genio – mas necessita de pujança e de compostura, de grandeza e de solicitude, (...) (p. 142).

Os três parágrafos seguintes de “Corpo e alma do Brasil”, entre as páginas 64 e 66, encontram-se completos e com poucas alterações em termos. As mudanças ocorrem apenas nas estruturas dos parágrafos que, de três no texto de 1935, passam a ser cinco no texto de 1936, no capítulo “Nossa Revolução”, entre as páginas 142 e 145.

O segundo parágrafo do subtópico “Atitude livresca de Alberto Torres”, constante na página 66 do texto de 1935, consta como parte do primeiro parágrafo da página 122 de *Raízes do Brasil*, o que demonstra o comentado sobre a distribuição esparsa dos trechos de capítulos seguintes ao do “Homem cordial”.

Tendo em vista a proximidade de datas entre a publicação de “Corpo e alma do Brasil” e *Raízes do Brasil*, além da presença de trechos completos do texto de 1935, com apenas algumas alterações pontuais em seus conteúdos, é muito provável que essa última “semente” tenha sido plantada ao mesmo tempo em que era feita a “colheita” da obra inicial de Sérgio Buarque de Holanda, em 1936.

Como é possível observar, o desenvolvimento das ideias que vieram a ser desenvolvidas na primeira edição de *Raízes do Brasil* (1936) já permeavam o pensamento de Sérgio Buarque de Holanda desde a sua juventude, como podemos observar nas “sementes” por nós analisadas: “Originalidade Literária”, texto publicado em 1920, quando Sérgio Buarque tinha apenas 17 anos; “O lado oposto e outros lados” (que causou um “terremoto” junto a intelectualidade da época), 10 anos antes de *Raízes*, e fruto de um Sérgio Buarque mais modernista e crítico literário; “Corpo e alma do Brasil”, publicado um ano antes de *Raízes*, já traz não apenas as ideias que encontravam-se na mente de Sérgio Buarque, mas uma parte considerável do livro de 1936 já estava presente nele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho abordamos as discussões em torno da primeira edição de *Raízes do Brasil*, publicada no ano de 1936, de Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) e a presença de conceitos, ideias e temas que foram abordados pelo autor na citada obra em textos escritos previamente por ele, mais especificamente nos artigos “Originalidade Literária” (1920), “Lado oposto e outros lados” (1926) e “Corpo e Alma do Brasil” (1935), o que consideramos “sementes” daquilo que depois veio a germinar e se tornar o clássico amplamente conhecido por nós, *Raízes do Brasil*.

Para isso, fizemos, no primeiro capítulo, uma breve biografia histórica a respeito de Sérgio Buarque, abordando os principais tópicos de sua vida pessoal, profissional e acadêmica, tendo início em sua infância, passando por sua juventude, fase adulta até sua morte em 1982, destacando a influência que os contextos histórico-sociais por ele vivenciados foram importantes em sua formação, não apenas enquanto indivíduo, mas também no que tange ao intelectual.

Em um segundo momento, abordamos as influências do Modernismo sobre a obra de *Raízes do Brasil*, uma vez que Sérgio Buarque de Holanda teve considerável participação nesse movimento, estabelecendo uma ampla rede de sociabilidade com os principais intelectuais modernistas da época, discutimos a respeito da escolha de Sérgio Buarque pelo ensaio como forma de texto para sua obra *princeps* e também fizemos um breve histórico a respeito do livreiro José Olympio e sua livraria homônima, que foram fundamentais para que, em 1936, a obra de Sérgio Buarque viesse a público, sendo o livro inaugural da Coleção Documentos Brasileiros.

Por último, no terceiro capítulo, debruçamo-nos especificamente sobre nosso objeto de estudo, a primeira edição de *Raízes*, primeiro abordando as diferenças existentes entre a edição de 1936 e as posteriores (em principal a revista e ampliada, de 1948), posteriormente passamos a analisar cada uma das “sementes”, buscando demonstrar como que ideias que vieram a estar presentes em *Raízes do Brasil* (1936) já vinham sendo abordadas, as vezes superficialmente outras vezes de maneira mais aprofundada, em textos escritos anteriormente por Sérgio Buarque de Holanda.

Nosso trabalho foi feito com o intuito de contribuir de modo relevante com a produção acadêmica a respeito de Sérgio Buarque de Holanda e sua obra *Raízes do Brasil*, contribuindo com um novo olhar sobre sua obra, as influências do contexto histórico e social do autor e o desenvolvimento prévio de ideias em artigos publicados anos antes (os dois primeiros, “Originalidade Literária” e “Lado oposto e outros lados”, publicados na década anterior a *Raízes*) que posteriormente vieram a estar presentes em sua obra inaugural. Para isso, nos foi importante o paradigma indiciário, desenvolvido por Carlo Ginzburg em ampla bibliografia, que serviu como um fio condutor e nos incentivou a fazermos sempre uma leitura atenta dos documentos e textos por nós utilizados ao longo desse trabalho, seja ao lidar com a ampla fortuna crítica sobre o autor e sua obra, até mesmo para o olhar atento das fontes documentais que são de base para nosso trabalho, que foram os artigos escritos por Sérgio Buarque de Holanda e a primeira edição de *Raízes do Brasil*, a qual tivemos acesso de maneira digitalizada.

No que tange os objetivos traçados para nossa pesquisa, cremos que conseguimos atender ao que nos propomos ao longo de nosso trabalho, ao elaborar um inventário indiciário e demonstrar a influência do contexto histórico-social vivenciado por Sérgio Buarque de Holanda sobre sua produção, em especial a influência do modernismo e do período berlinense sobre *Raízes do Brasil*, como foi abordado no primeiro e segundo capítulo de nosso trabalho. Além disso, nosso objetivo principal também foi, ao nosso entender, satisfatoriamente atendido, uma vez que foi possível fazer a análise das “sementes”, “Originalidade Literária” (1920), “Lado oposto e outros lados” (1926) e “Corpo e Alma do Brasil” (1935) em paralelo e de maneira comparada com *Raízes do Brasil* (1936), como foi visto no terceiro capítulo de nossa dissertação.

Por meio da análise dos textos anteriores a *Raízes* escritos por Sérgio Buarque e citados acima, conseguimos observar que temáticas principais desenvolvidas pelo autor em sua obra *princeps*, foram abordadas anteriormente por ele. Em “Originalidade Literária”, publicado 16 anos antes de *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda já falava sobre as diferenças existentes entre portugueses e espanhóis e como isso influenciou nas produções literárias em terras brasileiras. Essa diferença entre os colonizadores ibéricos seria novamente abordada por Sérgio Buarque de Holanda no capítulo “Passado Agrário – continuação”, em *Raízes*. Em “Lado oposto e outros lados”, publicado uma década antes, Sérgio Buarque de Holanda faz duras

críticas ao modernismo, por conta do academicismo que estava dominando o movimento. Em *Raízes*, Sérgio Buarque abordou de maneira crítica uma característica do brasileiro, que é o bacharelismo (que aqui tomamos como semelhante ao academicismo citada no artigo de 1926), no capítulo “Novos tempos” em *Raízes do Brasil*. Já em “Corpo e Alma do Brasil”, texto publicado no ano de 1935, vésperas da publicação de *Raízes*, temos as maiores similaridades. Nesse texto em questão, não se tratam apenas de ideias que foram desenvolvidas previamente, mas sim trechos inteiros do livro que foram publicados antes em forma de artigo. Por meio da leitura comparada entre “Corpo e Alma...” e *Raízes do Brasil*, foi possível perceber que trechos completos dos capítulos da obra de 1936 (“O homem cordial”, “Novos tempos” e “Nossa revolução”) vieram a público um ano antes no artigo publicado na revista *Espelho*, em março de 1935.

Entendemos que, com tudo que foi exposto, a pesquisa veio a confirmar nossa hipótese da existência de uma discussão prévia por parte de Sérgio Buarque de Holanda em artigos publicados anteriormente a *Raízes do Brasil*, de assuntos e ideias que vieram a ser desenvolvidos posteriormente em sua obra *princeps*.

Consideramos que nosso trabalho pode vir a contribuir para o enriquecimento da fortuna crítica a respeito de Sérgio Buarque de Holanda e *Raízes do Brasil*, em especial para as discussões e análises específicas em torno da primeira edição publicada em 1936. Tendo sido Sérgio Buarque uma figura pública com grande destaque no cenário intelectual brasileiro, cremos que nossa pesquisa apresenta uma importância social ao lançar um outro olhar sobre o autor de fundamentais para compreendermos o Brasil e a nós mesmos enquanto brasileiros.

Direcionados pelo paradigma indiciário e pela leitura a contrapelo dos textos e documentos por nós manipulados ao longo de nossos estudos e do desenvolvimento desse trabalho, já podemos vislumbrar desdobramentos a serem abordados em pesquisas posteriores. Em muito despertou-nos curiosidade o “exílio capixaba” ao qual Sérgio Buarque de Holanda se autoimpôs após a publicação e recepção de “Lado oposto e outros lados”, residindo em Cachoeiro de Itapemirim por alguns meses, período esse que levou Sérgio Buarque a escrever o texto “Notas do Espírito Santo”, publicado em *O Jornal* (RJ), em 1927. Para além disso, outra questão que nos despertou interesse diz respeito a receptividade de *Raízes do Brasil* logo de sua publicação e como isso pode ter sido também um fator motivador para as alterações

feitas por Sérgio Buarque na segunda edição de 1948. Por último, mas não menos importante, a descoberta de uma edição datilografada, possivelmente o manuscrito original de *Raízes do Brasil*, junto aos acervos do Siarq, pode vir a ser uma fonte riquíssima para pesquisas futuras que viremos a desenvolver em breve.

REFERÊNCIAS

- ACUÑA, M. & DIEGO, M. “Nota sobre o texto da presente edição. In: In: HOLANDA, S.B. de. **Raízes do Brasil – Edição crítica**. MONTEIRO, P. M., SCHWARCZ, L. M. (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- ADORNO, T. W. “O ensaio como forma”. In: **Notas de Literatura I**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34. pp. 15-45. 2003.
- BARBOSA, F. A. (org.) **Raízes de Sérgio Buarque de Holanda**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- BUARQUE, C. **O irmão alemão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras. 1993.
- CANDIDO, A. “Introdução”. In: BARBOSA, F. A. (org.) **Raízes de Sérgio Buarque de Holanda**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. pp. 119-129.
- CANDIDO, A. **Antonio Candido: Um homem, duas cidades**. IEB/USP, 2011. 1 vídeo (27 min). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=wXgG0GR7CYg&t=7s>, acesso 31/10/2023
- CARVALHO, R. G. de. “Experiência e expectativa: Sérgio Buarque de Holanda, o modernismo, a história. In: **Anais do Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, julho 2011.
- CAVALCANTE, B. 2008, “História e modernismo: herança cultural e civilização nos trópicos”. In: MONTEIRO, P. M. ; EUGENIO, J. K. **Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas**. 2008. pp. 137-154.
- COSTA, M. A. S. **Biografia histórica: a trajetória intelectual de Sérgio Buarque de Holanda entre os anos de 1930 e 1980**. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2007.
- DULCI, L. “Sérgio Buarque de Holanda petista”. In: CANDIDO, A. **Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. 1988. pp. 89-99.
- EUGENIO, J. K. **Um ritmo espontâneo: o organicismo em Raízes do Brasil e Caminhos e fronteiras, de Sérgio Buarque de Holanda**. Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2010.
- FELDMAN, L. **Clássico por amadurecimento: estudos sobre raízes do Brasil**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2016.

- FRANZINI, F. **À sombra das palmeiras: a Coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2006.
- FREYRE, G. "Documentos Brasileiros". In: HOLANDA, S.B. de. **Raízes do Brasil – Edição crítica**. MONTEIRO, P. M., SCHWARCZ, L. M. (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GINZBURG, C. **Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- GINZBURG, C. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GLEZER, R. **Chão de terra e outros ensaios sobre São Paulo**. São Paulo: Alameda, 2007.
- GONÇALVES, M. A. **1922 – A Semana que não terminou**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- HOLANDA, S.B. de. **Raízes do Brasil – Edição crítica**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1936.
- HOLANDA, S.B. de. **Tentativas de Mitologia**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.
- HOLANDA, S.B. de. "Uma entrevista com Sérgio Buarque de Holanda" [Entrevista concedida a] Richard Graham. In: **Ciência e Cultura**. nº 34. Setembro de 1982. pp. 1175-1182.
- HOLANDA, S. B. de "Notas do Espírito Santo" In: BARBOSA, F. A. (org.) **Raízes de Sérgio Buarque de Holanda**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. pp. 89-92.
- HOLANDA, S. B. de. "O futurismo paulista". In: BARBOSA, F. A. (org.) **Raízes de Sérgio Buarque de Holanda**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. pp. 50-52
- HOLANDA, S. B. de. "Originalidade literária". In: PADRO, A. A. (org.). **O Espírito e a Letra: estudos de crítica literária 1920-1947**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. pp. 35-41.
- HOLANDA, S. B. "O lado oposto e outros lados". In: PADRO, A. A. (org.). **O Espírito e a Letra: estudos de crítica literária 1920-1947**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. pp. 224-228

- HOLANDA, S. B. de. "Corpo e alma do Brasil: ensaio de psicologia social". In: COSTA, M. (org.). **Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos**. Livro I (1920-1949). São Paulo: Editora Unesp: Fundação Perseu Abramo, 2011.
- HOLANDA, S. B. de. "Prefácio à 2ª edição". **Raízes do Brasil – Edição crítica**. MONTEIRO, P. M. , SCHWARCZ, L. M. (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2016. pp. 347-348.
- HOLANDA, S.B. de. **Raízes do Brasil – Edição crítica**. MONTEIRO, P. M., SCHWARCZ, L. M. (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- MARCONI, M. A. e LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARTINS, A. J. **A FLOR E O ESPINHO: a formação brasileira de Sérgio Buarque de Holanda**. / André Jobim Martins ; orientador: Luiz Costa Lima – 2020. 385f.
- MARTINS, M. L. **INTERESSE E VIRTUDE: a sociologia modernistas dos anos 1930**. / Maro Lara Martins – 2013. 242f. Orientador: Prof. Dr. Luiz Jorge Werneck Vianna. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Estudos Sociais e Políticos.
- MATA, S. da. Tentativas de desmitologia: a revolução conservadora em Raízes do Brasil. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 26, nº 73, p. 63-87, 2016
- MOLINA, F. S. "A produção da 'Paris dos Trópicos' e os megaeventos no Rio de Janeiro no início do século XX. In: **Finisterra**, LI, 102, 2016. pp. 25-45.
- MONTEIRO, P. M. (org.) **Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: correspondência**. São Paulo: Companhia das Letras: Instituto de Estudos Brasileiros: Edusp, 2012.
- MORAES, L. E. de S. "República de Weimar, suas crises e o Nazismo como alternativa". In: **Revista Maracanan**. Rio de Janeiro, n. 18, pp. 111-133, jan./jun. 2018.
- MORAES, M. I. de. **Dois raízes: o ensaísmo de Sérgio Buarque de Holanda**. São Paulo, 2016. 290f.
- NASCIMENTO. E. "A Semana de Arte Moderna de 1922 e o Modernismo Brasileiro: atualização cultural e 'primitivismo' artístico". In: **Gragoatá**, Niterói, n. 39, pp. 376-391, 2. sem. 2015.
- NICODEMO, T. "Sérgio Buarque de Holanda e a dinâmica das Instituições Culturais no Brasil 1930-1960". In: MARRAS, S. (org.). **Atualidade de Sérgio Buarque de Holanda**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, 2012. pp. 109-132.

OLIVEIRA, G. G. S. “*Coleção Documentos Brasileiros: o Brasil em ensaios de história e interpretações sociológicas (1936-1989)*”. In: **Resgate – Rev. Interdiscip. Cult.**, Campinas, v. 25, n. 1 [33], pp. 89-110. 2017.

PADRO, A. A. (org.) **O Espírito e a Letra: estudos de crítica literária 1920-1947**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PRADO JR., C. **Esboço dos fundamentos da teoria econômica**. São Paulo: Brasiliense. **1957**.

Revista Manchete, publicada em 11 de maio de 1966. Disponível em <https://www.jobim.org/chico/handle/2010.2/303>. Acesso em 01/10/2023

RODRIGUES, M. F. B. “Razão e sensibilidade: reflexões em torno do paradigma indiciário”. In: **Dimensões – Revista de História da UFES**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, nº 17, 2005. pp. 213-221.

SANCHES, D. As escritas de (e sobre) Raízes do Brasil: possibilidades e desafios à história da historiografia. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 5, n. 9, p. 201–221, 2012. DOI: 10.15848/hh.v0i9.343. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/343>. Acesso em: 25 out. 2022.

SANCHES, D. **Entre “formas hesitantes e bastardas” [manuscrito]: ensaísmo, modernismo e escrita da história em Raízes do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda** / Dalton Sanches. – 2013. 240f. Orientador: Prof. Dr. Fernando Nicolazzi. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História, Mariana, 2013.

SANCHES, D. **Agonística buarquiana [manuscrito]: Sérgio Buarque de Holanda em combates com Gilberto Freyre e Alceu Amoroso Lima (1920-1960)**. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Ouro Preto. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História, Mariana, 2019.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Edusp, 1993.

SCHNEIDER, A. L. ; MARTINS, R. “A expansão paulista em Afonso de Taunay e Sérgio Buarque de Holanda: reflexões e trajetórias. In: **Revista de História**. n. 178. São Paulo, 2019.

SILVA, R. P. da. **A morte do homem cordial: trajetória e memória na invenção de um personagem (Sérgio Buarque de Holanda, 1902-1982)**. Jundiaí, Paco Editorial: 2016.

SORÁ, G. "A arte da amizade: José Olympio, o campo de poder e a publicação de livros autenticamente brasileiros". In: **Antropolítica**. Niterói, n. 30, pp. 49-71, 1. sem. 2011.

VAINFAS, R. "O imbróglio de Raízes: notas sobre a fortuna crítica da obra de Sérgio Buarque de Holanda". In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 36, nº 73, 2016, pp. 19-40.

VILLELA, A.A.A. Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: a construção do modernismo em revistas. In: **XIX Semana de História da UFG**, Goiânia. História em tempos de crise: anticientificismos, negacionismos, revisionismo. 2020.

WEGNER, R. "Um ensaio entre o passado e o futuro". In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil. Edição comemorativa dos 70 anos**. Organização de Ricardo Benzaquen de Araújo e Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2006